

A ILLUSTRACÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 43, QUAI VOLTAIRE.

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e números avulsos: em Portugal ao sr. David Corazzi, 42, rua da Atalaya, Lisboa; e no Brazil, ao sr. José de Mello, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.

Preço do número à Paris, 1 franc.

3.^a ANNO. — VOLUME III. — N.^o 5.

PARIS 5 DE MARÇO DE 1886

Gerente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS:

ANNO 1886 (12 N. ^{os})	12.000 REIS.
SEMESTRE EXISTENTE (6 N. ^{os})	6.000 —
ANNO 1885 (12 N. ^{os})	14.000 —
ANNO 1884 (12 N. ^{os})	500 —



ADELINA PATTI

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o PROXIMO NUMERO da ILUSTRAÇÃO, em que publicaremos um magnifico retrato de Sua Alteza a

PRINCEZA AMELIA D'ORLEANS

a noiva de Sua Alteza o Principe D. Carlos de Portugal.



CHRONICA

OS SRS. SOCIALISTAS

DEPOIS do que se passou em Londres, devemos coarir em duas cousas:

— Que ser socialista ou «operario sem trabalho», é a mais invejavel e a mais lucrativa das posições que um homem pode ambicionar sobre a terra;

— E que todo o individuo estranho a politica, que se reconhecer possuidor de uma primeira coisa que tem a fazer para garantir a propria pelle, — é arruinar-se ao jogo ou comprar um revolver!

Desde a invenção dos relógios até hoje, nunca ninguém tinha pensado que seria um perigo e ao mesmo tempo a expressão de opiniões mais ou menos reaccionarias, possuir um objecto d'ouro ou de prata, com um mostrador, dois ponteiros e dois buracos para dar corda e acertar as horas...

O mais que podia acontecer a quem possuía semelhante machina, era gastar a fortuna e a paciência com os relojoeiros, ou agucar a cubilha d'um creado, a tal ponto — que um dia a justiça se via forçada a agarrar pela gola da jaqueta o larápio, e a metter-o na cadeia.

Eis a quanto podia arrastar a loucura de comprar um objecto que tem por unico fim — fazer com que se falte a todos os *rendez-vous* que nos dão e se percam todos os comboyos!

Sómente, desde o dia 8 de fevereiro, segundo se poudo ver em Londres, trazer um relógio e mesmo uma bolsa com dinheiro, equivale a uma provocação a todo o partido socialista... É como na opinião do sr. Cabino e do sr. de Bismarck, com homens tem mais probabilidades de dar cabo d'um homem, do que dez ou cinco — diante d'uma tal provocação e d'um tal insulto, grupos de cem socialistas em nome da Revolução de 93 e dos Direitos do Homem e da Propriedade e um Roubo, cahiram simultaneamente sobre impudentes transeuntes que tinham tido a audacia de sahir para a rua com relógio na albigueira e dinheiro na bolsa — despojando-os de semelhantes attributos offensivos ao principio da Revolução e ás opiniões d'aquelles senhoras...

Não sei se nós devemos tornar-nos serios, ou desatar a rir em face da insolencia e da audacia dos srs. socialistas.

Não sei se nós nos devemos armar d'uma garfaldada ou d'um revolver, na perspectiva de um dia nos encontrarmos frente a frente com os anarquistas, como ha pouco se encontraram os pacificos moradores de Londres.

Porque este modo de impôr uma doutrina qualquer, passa todos os limites da phantasia e da audacia politica.

Um bando d'aventureiros, d'invejados e de criminosos, annuncia um dia ao mundo inteiro que o povo soffre — como se o soffrimento não andasse eternamente ligado á vida — e que vae mudar instituições e governos, para salvar o povo da miseria e liberal-o d'aquelles que o exploram e o torturam.

O primeiro cuidado d'esses aventureiros que se occultam sob o nome enigmatico de socialistas, é fazer saltar por meio da dynamite os palacios mais bellos das cidades, ou largar-lhes fogo, como em 1871, quando os cavalheiros da mesma confraria social queimaram em Paris as Tulherias.

E dar cabo das instituições e dos governos, não á força de critica e de sã philosophia como Rochefort e como Proudhon — mas por meio d'armas pretas ou armas brancas, já mettendo balas no corpo dos reis, já mettendo facas no bazo dos ministros.

E achando que estes meios não eram sufficientes para escalar o poder, os srs. socialistas em vista da pertinácia da sociedade em não querer ouvir os seus maus discursos e em castigar os seus crimes — attendendo que tão assassino é o homem que mata por odio politico, como o homem que mata por odio pessoal — os srs socialistas decidiram ultimamente o seguinte:

Convidar o povo a grandes meetings. Oradores na posse de todos os velhos machinismos rhetoricos, mostraram a esse mesmo povo que se elle come bacalhau com batatas e sardinhas assadas, enquanto os ministros comem ao almoço, caviar, ovos com presunto e salmão frio; se elle bebe zurrapa, enquanto os ministros se permittem o gôso d'uma garrafa de Chablis — a culpa é apenas do povo que é de direito soberano, mas que é tólo por uso e costume.

E depois de apanharem o povo bem convencido de que a cousa mais facil d'este mundo é deixar de ser tólo e passar a ser soberano, trocar a sardinha assada pelo salmão frio, a zurrapa por Chablis ou Sauterne, dizem-lhe o seguinte, por estas ou outras palavras:

«Povo! Os nossos avós, em 89, tomaram a Bastilha e arrazaram-na. E pena, por que nada temos hoje que tomar, nem deitar abaixo! Resta-nos porém a provocação eterna da riqueza ao proletariado, que se traduz n'essas lojas onde se vende tanta cousa boa, n'esses individuos que passam ao nosso lado, em plena rua, de relógio e dinheiro nas albigueiras.

«Povo! Eis a moderna Bastilha que é necessario conquistar e arrazar. A ella, meu povo, a ella!»

E os oradores saltando das tribunas, empunhando bandeiras vermelhas e collocando-se á frente da multidão, foram caminhando para as ruas mais ricas e mais luxuosas de Londres.

As senhoras que encontravam na sua passagem, arrancavam os aneis, os broches, os brinços, as pulseiras e os mantos forrados de pelles.

Aos homens, como alguns tivessem a natural ingenuidade de se defender e de protestar, agarravam-se pelos braços, levavam-os d'encontro ás paredes — e tiravam-lhes o dinheiro, o relógio, o chapéo e o casaco.

E entrando pelas lojas partiam as vitrines, tiravam os objectos de maior valor, e isto em

tão grande escala, que só da loja d'um ourives de Londres roubaram joias n'um valor superior a 20 contos de reis!

E diante d'esta multidão desordenada, ameaçadora, terrivel; diante d'esta invasão de bandidos e de maltrapilhas roubando os transeuntes e saqueando os estabelecimentos, a policia achava-se impotente e cruzava os braços, sem poder oppôr ao socialismo triumphante a menor resistencia...

— Mas os auctores d'esses crimes, d'esses roubos e d'esses ataques á mão armada, pelo menos os amotinadores, foram presos no dia seguinte, e as suas cabeças expostas na mesma praça onde se realisou o meeting e donde partiu a onda, em signal de satisfação dada ás victimas?...

Ingenuo leitor e amigo meu!

Bem se vê que não estás no movimento, que nada percebes das imunidades que hoje desfructam todos os homens que se dizem revolucionarios.

Antigamente, quando nossos avós pensavam fazer uma revolução, — revoluções que nada tinham que se pudesse comparar a esta lama que hoje fermenta por toda a Europa, a esta estrangeira politica que cobre o velho continente — o menos que arriscavam era a cabeça, quando não eram tambem as cabeças da esposa e dos filhos. Era esta ideia constante do perigo que os purificava, que lhes purificava o espirito e as ideias, conspirando apenas em nome da Justiça e em proveito da Humanidade.

Hoje já não ha revolucionarios — hoje ha apenas desvairados, maniacos e bandidos. A revolução franceza, apesar de se ter coberto de nodos com o sangue de Luiz XVI e de Maria Antonieta, não aproveitou um tal movimento nem para roubar nas ruas os transeuntes, nem para saquear as lojas. Terrivel e sanguinolenta como foi, nunca praticou nenhum acto que não fosse inspirado por um principio ou por uma doutrina bem ou mal comprehendida. O historiador tem que regular as suas contas com revolucionarios, e não com ladrões e assassinos. 93 pertence á historia de França e não aos cadastros dos tribunaes francezes...

Mas hoje tudo mudou de figura. Berrando contra Oppressores que não existem e contra Bastilhas que ainda menos existem, os revolucionarios modernos chamam-se socialistas nos paizes monarchicos e anarquistas nos paizes republicanos como a França.

Ser socialista ou ser anarquista dá direito ao seguinte:

A publicar jornaes ou brochuras onde se dirigem os maiores insultos ou se dizem as ultimias infamias aos homens que vivem nas regiões do poder;

A empregar a dynamite para fazer saltar monumentos, e a espingarda para fazer saltar miolos;

A convocar toda a escoria social para roubar nas ruas os transeuntes e saquear os estabelecimentos dos particulares;

E passar as noites tranquillamente, na firme certeza de que nem se é preso pela policia, nem um executor d'alta justiça faz ao socialista a justiça de lhe separar a cabeça do tronco.

E de quem é a culpa?... Quem é o culpado d'esta falta de segurança dos cidadãos, d'esta falta de respeito á propriedade individual?...

O Estado! os governos!

Sim, meus senhores, o Estado, os governos, que permitem em paizes — como Portugal — que a politica se faça a golpes d'insolencia e a

golpes d'infamia, chegando hoje a ter por único diapasão d'estylo o mesmo que serve para as dissenções entre logarejas, entre carroceiros e entre peixeiras.

É do centro d'uma Republica que lhes escrevo, d'uma capital como Paris que tem visto de tudo, desde as orgias de Francisco I até às indecências e às infâmias da Communa. Pois o primeiro cuidado d'essa Republica, o primeiro cuidado dos verdadeiros republicanos, foi limpar a imprensa de todas essas licenças e de todos esses abusos de linguagem, que tanto emporcalham um paiz e tanto o desacreditam no estrangeiro.

Que confiança podem merecer aos verdadeiros e honestos cidadãos, individuos que fizeram a sua aprendizagem politica atirando pedras aos governos e cuspiendo mentiras sobre todos os ministros?

Eu poucas vezes me deixo levar por assumptos politicos, receiando sempre ao terminar uma chronica, não ter em minha casa bastante agua e bastante sabão — para me lavar. E tambem, por que não desejo ferir pessoas que eu tenho a certeza de que, fóra da politica, são dignas da estima da gente de bem.

Mas reparem no que se está passando em Portugal. Ha cinco annos que o partido progressista procura convencer o paiz que o partido regenerador é composto de ladrões. E agora é o partido regenerador que vai procurar convencer o paiz que só ha ladrões no partido progressista. E isto não fallando no partido republicano, que tambem procura convencer o paiz que os dois partidos citados não passam d'uma quadrilha de saltadores...

Ora é esta maneira de criticar e de combater que anima os socialistas a façanhas como as de a Londres e nos faz pensar que o primeiro cuidado de todo o homem independente — é estar em casa armado até aos dentes, para responder aos proximos ataques da canalha invasora!

MARIANO PINA.



CONSELHOS ANTIGOS

Ama-se a gloria, sente-se a vergonha, e contudo não se resiste ao vicio. É collocar-se no meio d'un pantano, quando se tem medo da humidade.

★

O artista que quer fazer um circulo perfeito deve empregar o compasso. O homem que quer cumprir perfeitamente com os seus deveres, deve estudar as lições e os exemplos dos sabios.

★

Tu queres parecer honesto e moderado? Mas o homem honesto não insulta ninguém; o homem moderado, contente com o que possui, não faz mal a ninguém.

★

Apreciar os homens de talento e os sabios e recusar-lhes a intimidade de que elles são dignos, é convidar-os, e fechar-lhes ao mesmo tempo a porta na cara.

★

Um cultivar a sua intelligencia, vai tomar lugar entre os grandes homens; outro, occupa-se apenas do corpo, continuará a viver entre o vulgar.

★

Quantos homens se não importam com as suas terras, e se permitem opiniões sobre a do vizinho!

★

É uma vergonha illudir aquelles que vivem convosco: mas ha um crime mais odioso ainda — é mentir á posteridade.

★

Não se deve escrever n'um momento de cholera. Uma phrase é muitas vezes mais terrivel que uma punhalada!

MORALISTAS CHINEZES.

ULTIMA RÉCITA

A MEMÓRIA DO ACTOR JOSÉ CARLOS DOS SANTOS.

*N'uma pequena alcova, honesta, limpa, escura,
Geme desfeito o grande actor agonizante,
Simulado e inerte, informe, escapa á sepultura,
Soltando da garganta a custo um som vibrante,*

*Um ríspido stertor, — tão rancoso, tão violento
Com o aspero ranger do moimbo abandonado,
Negro ao alto do monte, a quem de noite o vento
Pastiga permanentemente o civo escalarvado...*

*Que tragica ruina!... Horrivelmente bello!
A livida cabeça, entre as bretanhas frias,
Parece uma caveira apenas com cabelo,
De luettas aquies nas orbitas vasias...*

*Amelia Vicira, ao pé, dobrada sobre o leito,
Vigia anciosa e doce o pulso ao moribundo;
Um soluço medonho expedia-lhe o peito,
Enfarraspa-lhe a alma um desespero fundo.*

*Os filhos, a rejar, em grupo dolorido,
Córda-os d'uma aureola a luz do candeeiro,
Cujos brancos abat-jour vai no meigo polido
Dum novel colossal, que lhe fica frenteiro,*

*Reflectir alongada e mecenaria e baça
Uma lagrima enorme, uma angustia suspensa...
Enquanto o stertor range e soluça a desgraça,
E paira no ambiente uma afflicção imensa.*

*No delirio da febre o pobre martyr sente
Dos triumphos de outrora a commoção sagrada,
Quando ao calor genial da sua paixão ardente
Lhe decretava a gloria a sala arrebatada.*

*Ante a sua apagada e flaccida pupilla
Das grandes creações o lucido cortejo
Erge-se, falla, vive, agita-se, desfilia
Na penumbra do quarto...*

— « O Feder!... Cêus! que vejo! »

« O Antony vem fido... o Mortimer recita
« Uma tirada... o bom d'Aleria deplora
« Vêr-me assim... Jullin ri... Tartufo, esse fivita
« De zensualidade... o Luiz XVI chora... »

*E o desgraçado actor, n'um tormento horreroso,
Sente-se emmigalhar aos golpes da saudade
Insuavel, mortal, do bom tempo radioso
Em que viver podia aquella sociedade!*

Alfonseado, perdido:

— « Amelia! Amelia! » — exclama.

« Que tens? »
— « Depressa! o meu papel do Demi-Monde! » —
« Não o achas? »

— « Achava-o eu!... mas estou preso, á cama! » —
« Socega... » — « É o Marquez de Villamer, á noite.

Pára? » —

« Também não sei, meu Deus! »

— « Olha, vê sobre
Aquella meza... ah! ah!... dentro da pasta. » —

« É outro. »
— « Vê lá bem. » —

« Vida d'um rapaz pobre. »

— « Que acto? » —

« O 4.º »

— « Bom, bom!... Dá-me a deixa... Basta. » —

*E no silencio então da alcova honesta e fria,
Cadaverico, hirtio, o Santos recitou,*

*— Estrangulada á voz no rolo da agonia, —
Um trecho do papel de Maximo Odior...*

16 fevereiro 86.

ABEL ACACIO.



AS NOSSAS GRAVURAS

ADELINA PATTI

É HOJE o assumpto de toda a Lisbon mundana — esta bella e celebre cantora que ha perto de vinte annos enche a Europa, de lado a lado, com o ruido do seu successo.

Lisbon vai saclar-se afinal! Como todas as outras capitais do velho e novo mundo, vai ouvir a Patti, jouvado Deus! Já não era sem tempo. No entanto — o astro principia a esconder-se no oceano, com o usual com todos os astros, quer elles gravitem no espaço azul, quer elles tenham a vida luminosa da scena.

Paris ainda ha poucas semanas a ovio no Eden-Théâtre. Sobre o caso, disse magnificamente com justiça, na chronica do numero antecedente da Illustração, o nosso director Mariano Pina. Chamamos para ella ainda uma vez a attenção de todo o pequenino mundo galante da S. Carlos.

★ ★

Adelina Patti, nasceu em Madrid em 1843, onde seu pai e sua mãe cantavam na opera italiana. Conta hoje porlanco 43 annos. Não se lhe pôde cantar positivamente a primavera da vida — é uma primavera um pouco madura de mais.

Em 1848, os seus paes embarcaram para New-York onde o director do Theatro-Italiano d'aquella cidade, Mauricio Strakosch tomou sob sua protecção a pequenina Adeline. Aos oito annos já a futura diva debutara n'um concerto. Mme Albani — uma estrella da epocha — predizera a radiosa carreira d'aquella creança tão extraordinariamente intelligente. Adeline Patti, depois, percorreu ainda, sempre entre os maiores applausos, as primeiras salas de concerto em Philadelphia, Boston, Nova-Orleans e Havana. A idade de nove annos cantou, na ilha de Cuba, em varios theatros do archipelago das Antilhas e das margens do Pacifico.

Aos treze annos voltou para New-York, depois de ter dado trezentos e tantos concertos; ali completou a sua educação musical e em 1859 debutou no Theatro-Italiano, no papel de Lucia, onde obteve um successo brillantissimo.

De New-York seguiu para Londres onde obteve um novo triumpho com a *Somnambula*, depois Madrid e por fim Paris em 1860. Tinha então a Patti dezennove annos. Os jornaes parisienses d'aquella epocha dedicaram-lhe artigos extraordinarios e todos os criticos lhe renderam o preito da mais sincera admiração.

Em 1868, no alto de todo o seu renome casou com o Marquez de Caux que a elevou a marquezia do mesmo titulo. O consorcio não foi dos mais felizes. Pouco tempo depois houve separação de bens e de corpo e Patti casou, annos depois, com o celebre tenor Nicolini.

É esta a mulher que os leitores tem de admirar em S. Carlos — pelo prisma de vinte annos de reputação feita, na imprensa europeia. Adeline Patti achou-se um pouco casada. Mais anno menos anno é uma diva que abre fallencia.

Pelo que não baixarão os fundos publicos, temos esta convicção.

UMA CAÇADA EM CHANTILLY

N OS dois ultimos numeros da Illustração, quando publicámos os retratos do sr. conde de Paris e do sr. duque d'Aumale, os futuros sogro e tio de S. A. o principe D. Carlos — alludimos ás festas dadas nos domínios de Enghien e de Chantilly em honra do principe herdeiro de Portugal.

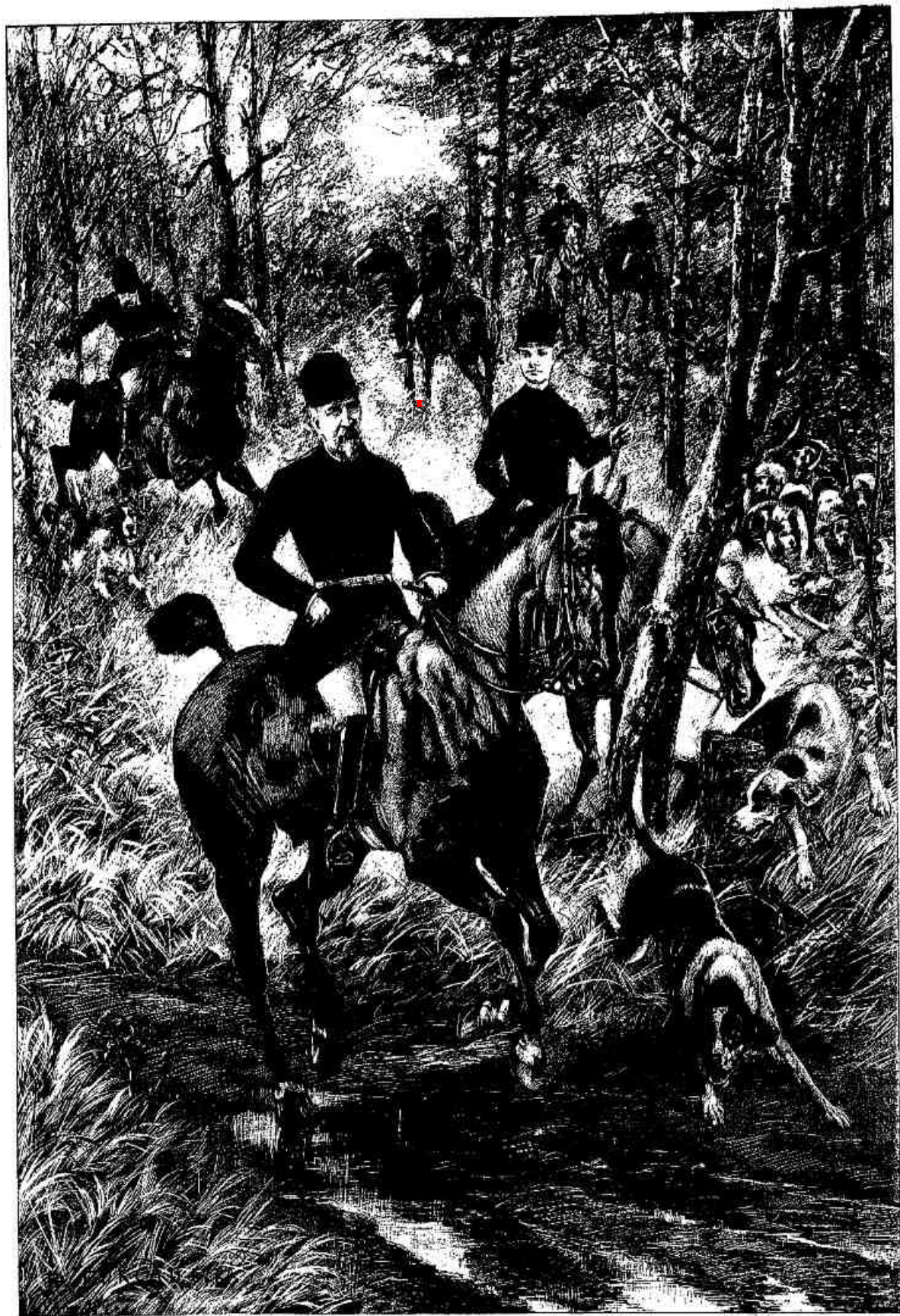
Hoje podemos offerrecer aos nossos leitores uma curiosissima scena das caçadas de Chantilly, desenhada por um artista que assistia a esta festa cynegética.

As matias de Chantilly, propriedade do sr. duque d'Aumale, as mais bellas de França, occupam uma extensão de 3.000 hectares de terreno.

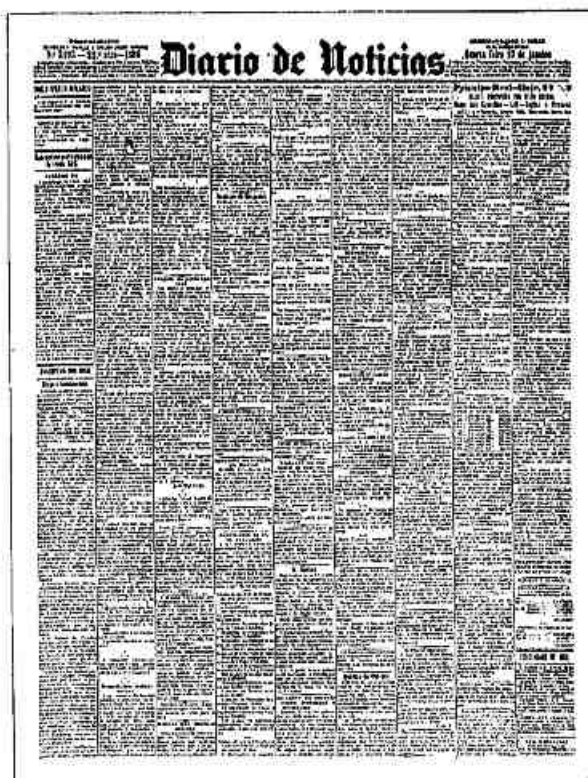
O costume em Chantilly é caçar duas vezes por semana, ás segundas e ás sextas quando o duque está no castello, e todos os cinco dias quando elle está ausente.

Chantilly possui uma das matilhas mais celebres da Europa, formada de 320 cães, e nas matias vivem 500 porcos bravos e 200 veados.

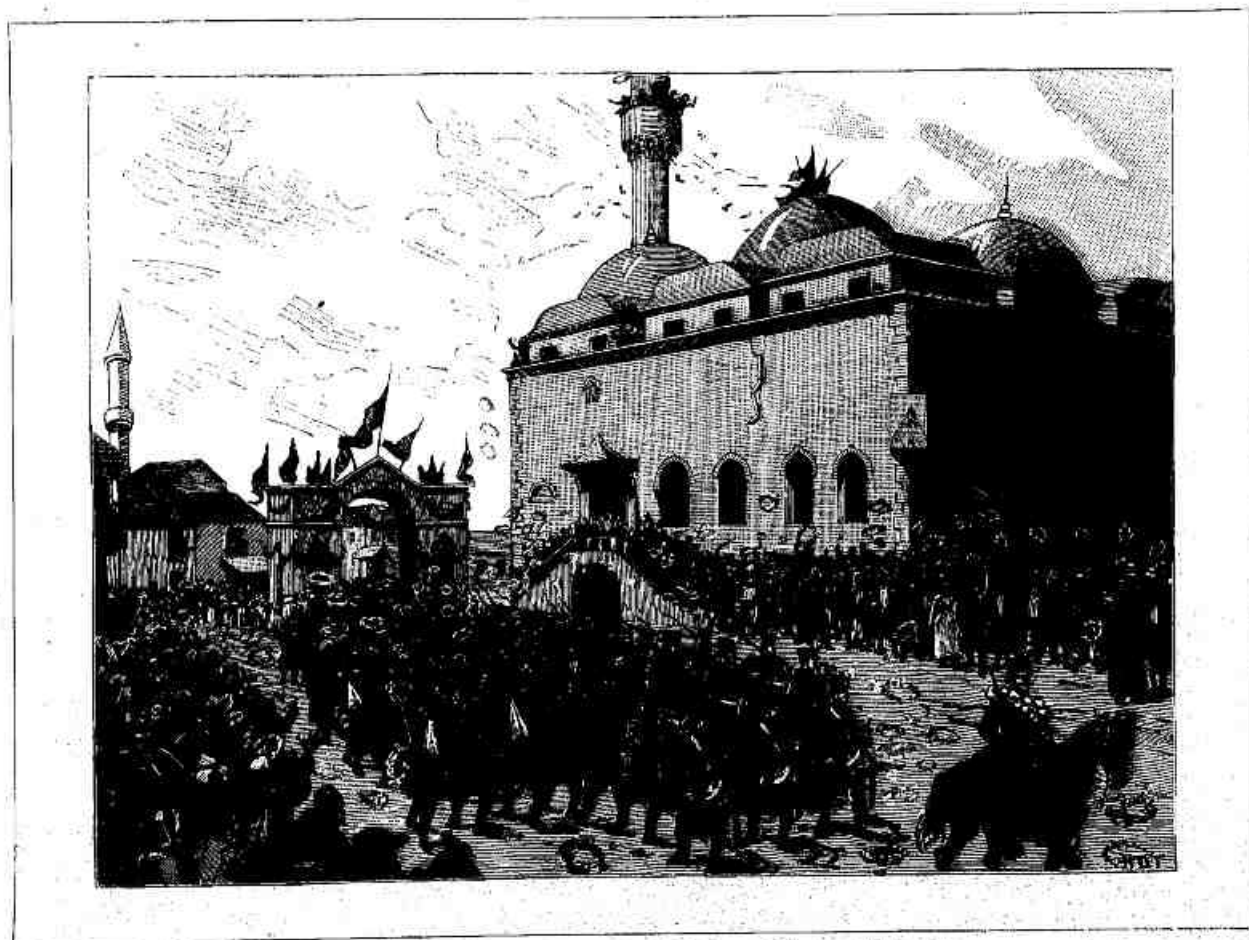
No nosso desenho vê-se o duque d'Aumale a cavallo, tendo á sua esquerda S. A. o principe D. Carlos de Bragança — que deixou Paris no dia 22 de fevereiro, seguindo para Cannes na companhia da sua noiva, do sr. conde de Paris e do sr. duque de Chartres. E no dia 2 do março devia ter seguido de Cannes para Lisbon.



UMA CAÇADA EM CHANTELLY EM HONRA DE S. A. O PRÍNCIPE D. CARLOS



JORNAES E JORNALISTAS. — O DIÁRIO DE NOTÍCIAS de Lisboa, redactor em chefe EDUARDO COELHO.



A QUESTÃO DO ORIENTE. — A entrada das tropas bulgaras em Philippopoli.

A QUESTÃO DO ORIENTE

SEMPRE a questão do Oriente!... Ainda uma guerra não está finda, nem os cadáveres enterrados, nem os soldados victoriosos foram acclamados pelos seus compatriotas — e já se começa a falar d'uma nova guerra no futuro, e d'essa vez d'uma guerra cruel e implacável em que tomarão parte a Grécia, a Turquia, a Servia, a Bulgaria e talvez mesmo a Rússia.

Mas enquanto este terrível desastre não chega, que a nossa vista se consola diante d'este bello e entusiástico acolhimento feito pelo povo bulgaro ao seu heróico e glorioso exercito, a este sympathico exercito que nos campos de batalha tão brilhantemente defendeu a independência da sua patria, castigando a oustania e a arrogancia do exercito da Servia, a arrematou e a oustania d'este rei Milan I que declarou uma guerra fratricida, somente para conquistar os sympathias d'uma potencia que não pôde secundar-lo em vista da opposição e da intervenção formal da Europa.

N'este instante de lucta não só a Bulgaria conquistou a estima das nações do Occidente, mas o seu exercito ficou tão como um das mais bravas e mais bem organisadas, apesar de pouco numerozas.

A nossa gravura representa a entrada triumphal em Philippopoli.

A ENTRADA DE CHANTILLY

NO numero passado da Illustração publicamos uma vista geral do castello de Chantilly, a sumptuosa residência do sr. duque d'Aumale, como se n.º 3 já tínhamos publicitado uma vista do castello d'Eu onde moram os reis. conjuges de Paris.

Mas as riquezas architectonicas de Chantilly não formam somente um sobreposto conjunto.

Tambem os seus detalhes são admiráveis, e parecem que os leitores da Illustração nos vão de ficar agradecidos, offerecendo-nos hoje um esplendido desenho do interior do castello, d'essa entrada senhorial da habitação dos principes de Condé, cujos nomes tanto brilharam e tanto brilharam ainda na historia de França.

O ACTOR SANTOS

ASCENA portugueza está de luto. O artista que tanto cobriu de gloria, em vinte e tantos annos de triumpho, acaba de desaparecer da vida, após uma agonia longa e terrível d'alguns annos. E a sua morte deixou um vazio profundo! porque se não pôde exclamar sobre este morto querido, a phrase antiga: *le roi est mort, vive le roi!*

Uma pergunta surgia á flor de todos os lábios — quem é o rei acclamado que vem substituir esse extraordinario monarcha da scena portugueza?

Ninguém. Aquella theatro conservava vago infelizmente, e com difficuldade apparecia e titubava que possa sustentar firme na mão o sceptro do supremo genio da scena no nosso theatro, com a guirlanda, com a firmeza, com a magestade com que Santos se impoz á multidão e á critica, a essas gloriosas creações do Maximo Odier, do Mauricio Feiler, do Luiz XVI, do Tactulo, do Alerio, do Jalin, do Mortuero, do Bocage e do Antony — creações luminosas d'esse grande apaixonado que soube tão maravilhosamente lançar o golpe do combate e da victoria, no meio estagnado da arte nacional; d'esse valente que analysou até ao intimo as pequeninas decorações da Alma humana, photographando e diguereotipando nos seus personagens romanticos o amor e o ciúme, a abnegação e a volúpia, com o rigor e a precisão de quem possuía, no serviço da investigação dos espiritos, todos os recursos da chimica e todas as subtilidades de Javert. E é este grande coração o este grande maravilhoso espirito — o morto que choramos, sudando diante d'este cadaver uma das glorias portuguezas mais eminentes e mais unanimemente applaudidas, no ultimo quartel do século XIX.

João Carlos de Santos, era filho do D. Matin da Condição Marquês e do José Cyrano dos Santos. Nasceu em 13 de janeiro de 1834. A sua paixão pela scena principiou a manifestar-se em noites intimas no caso do sr. Anjos, a S. Mamado, o pae da ex.ª sr.ª D. Guilherme Jardim e do sr. Alfredo Anjos, ganhando fuzir e representando n'um theatro de marionetas as scenas do Roberto do Diabo e do Guilherme Tell — um delirio de fanteoches que era o encanto do rapaz que havia de ser mais tarde a gloria do theatro portuguez.

Aos subditos quando saíam do collegio, era disputado para fazer imitações, em casa do conselheiro Antonio Aguiar d'Aguiar, Faustino Gama, S. da Motu, etc. Mas uma boa estrella fez-o tornar conhecido e estreitar relações com o pae dos Cantos matineiros, Gomes d'Amorim. Tinha Santos por essa occasião, uma dezena de annos incompletos e o pae principiou a planejar as suas primeiras peças theatraes.

Um dia Gomes d'Amorim apresentou a Almeida Garrett que dizia mais tarde:

— Parece-me que o rapaz tem sangue na genha e ha-de fazer a barba ao mestre. A pista é boa.

O Epiphania accendeu-o por discipulo e pouco depois debaixo de Santos no theatro de D. Maria no papel de Maria, no drama de Gomes de Amorim O Giletti. Isto foi em 54 de maio de 1851.

Do Theatro normal passou ao Gymnasio, onde se fez em relevo em deliciosas comedias em um acto, em que elle e Emilia Letroublon fizeram o encanto de epochas seguintes: *As Pragas do castigo, Um angelito e uma senhora, Dais n'um, Onde passarei a noite, etc.*

Estava lançado o embaixo artista. Era já alguma coisa mais do que o rapazinho endiabrado das noites do Faustino Gama e da familia Anjos. Era o Santos pitorra, de quem Garrett havia dito:

— A pista é boa.

El-rei D. Luiz achando bastante notavel o talento do urubai, mandou-o estudar os grandes modelos de Paris. Foi, estudou, progrediu e depois compoz no theatro de D. Maria a segunda phase da sua carreira artistica, com a Vida d'um rapaz pobre, onde Santos e Manuela Rey foram todo o acontecimento de Lisboa.

No theatro da rua dos Condes — que Deus haja — e depois no Principe Real, continuou sempre a subir e a impôr-se á admiração de todos. Foi sob a direcção d'este mestre que então principiam a evidenciar Virginia e Antonio Pedro, nos Solteiros e no João Carteiro.

Foi Santos ainda que implantou entre nós a opera-comica e trouxe a Lisboa o grande tragico italiano Ernesto Rossi — onde elle muito estudou, e que depois seguiu por veas nos seus modelos scenicos.

Do Principe Real voltou para D. Maria — excessiva idade d'aquella da sua gloria. Nunca ninguém até então e desde essa epocha até hoje se fez tanto applaudir na scena portugueza, como elle na Maria Antónia, no Marquês de Villemor, no Camões do Rocio e no Acrobata.

Em 1876 deixou a companhia de D. Maria já como pre-nunciado da doença terminal que foi o principio do seu martyrio — a cegueira. Depois foram oito annos de agonia, e espaços illuminados com as ovacões de que era alvo quando por acaso apparecia em scena, nas seus benedictos annos, em Lisboa e Porto.

Ultimamente casou com a actriz Amelia Vieira que lhe foi até á morte extrema amigo. Deixou alguns filhos, dois dos tres segundão cremos. O ultimo dias de poder vida que lhe restou foram cruéis. O cadaver em o d'uma mácula, uma caveira horrivelmente coberta de pelle muito fina. Todos os homens mais notáveis na politica, na arte e na litteratura compareceram ao enterro do grande artista.

O CARNAVAL EM NICE

O PASSADO numero da Illustração foi quasi todo consagrado ao Carnaval. Mas como o assumpto é vasto e devemos picturesque, permittemos ainda hoje a publicação de mais algumas gravuras, apesar de já nos acharmos em plena quaresma. Aos assumptos mandamos seguir-se-lhe os assumptos religiosos, e os leitores do nosso jornal podem estar certos que não de ter por occasião da Semana Santa um numero todo dedicado ás festas da igreja, illustrado com gravuras profundamente religiosas.

Mas fallemos ainda hoje do Carnaval, e isto para lhes apresentar um exemplar das bonitas carros que no entranho tomam parte nas famosas batalhas de flores em Nice.

Este em um delicioso carrinho guiado por crianças e que n'uma batalha realizada ha dias obteve um premio, pela elegancia e bom gosto com que tinha sido decorado.

Em Nice o carnaval é ainda muito apreciado, e quando fevereiro se aproxima, chegam a esta cidade familias de todos os pontos da Europa, principalmente de Paris e de Londres, para assistir ás batalhas de flores, esplendidas batalhas sob um céu tão azul e tão puro como o céu do Portugal, e sob um sol como n'essa epocha não ha igual em nenhum país do Norte, nem tão claro, nem tão vivo, nem tão tepido.

OS TUMULTOS EM LONDRES

LONDRES foi ha pouco o theatro de graves e serias desordens, provocadas pelos socialistas que lançaram o terror em toda a cidade.

Foi no dia 8 de fevereiro que tiveram lugar essas famosas e vergonhosas e infames scenas de pillagem; essas audaciosas d'um bando de criminosos que em nome da tal reivindicção social e em nome do povo soberano e estafado, se decidiram roubar os cidadãos nos seus, arrancando aos homens os relógios e a bolsa, e ás senhoras as copas e os joias, e enroscando nas lojas para emagallar as vitimas e roubar tudo quanto lá houvesse de valor.

Em lojas de ourives os arts. socialistas roubaram joias no valor de mais de 300 mil contos de reis. E os prejuizos causados subiram a uma quantia muito superior a esta.

Depois d'um tal escandaloso, as lojas de Londres estiveram fechadas e a vida commercial suspensa por muitos

dias — pois que os commerciantes, em vista da fraqueza da policia diante dos amotinados do 8 de fevereiro, não queriam arriscar-se a abrir os estabelecimentos.

Mas não entramos em mais detalhes, porque os jornaes diários já informaram succintamente o publico.

Chamamos somente a attenção dos que nos lem para a gravura que representa algumas dos principaes episodios do tumulto, para o aspecto d'essa multidão decorada e desvaída, gritando guerra contra a sociedade e o Estado, e querendo reformar o mundo por meio do roubo e de ataques á mão armada!

A nossa gravura representa Trafalgar Square.

O CARNAVAL EM PARIS

VEM hoje novamente ategor as paginas da Illustração com os encantos do seu espirito lapia, o artista que assigna Mers.

Não somos só nós que recomendamos o brilhante parisiense á attenção do publico.

As pessoas que leram as correspondencias do Rannho Ontigo para a Gazeta de Noticias do Rio-de-Janeiro, sabem em que termos o illustre crítico fallou do seu compatriota de vingan e seu amigo Mers.

São numerosa na nossa revista as suas paginas — todas essencialmente parisienses. E a de hoje, que reproduz um baile de creanças, tambem nos captiva pela frescura e graciosidade dos perfis, pela maneira como estas scenas estão interpretadas, como as creanças foram superabundantes em plena alegria e em pleno contentamento.



JORNAL E JORNALISTAS

Começamos hoje a nossa annunciada serie dos *Jornaes e Jornalistas*, pelo *Diário de Noticias* de Lisboa, e pelo seu redactor em chefe sr. Eduardo Coelho.

Não é uma obra de critica o que nós empreendemos. Pensamos fazer apenas um curioso trabalho d'historia contemporanea. Não é o merito dos jornaes, nem o talento dos seus redactores, o que nós apreciaremos. D'uns e d'outros o que nós procuramos dar, é o apontamento historico e biographico. E o nosso maior desejo, é podermos obter de todos os nossos collegas da imprensa portugueza e brasileira a flegem nos dirigirmos, artigos como este que segue, e que tão promptamente nos foi enviado pelo nosso excellent amigo Eduardo Coelho, um dos mais respeitáveis membros da imprensa portugueza, um dos jornalistas que mais tem contribuido para o bom nome da sua classe, estando sempre prompto a applaudir as ideias grandes, eminentemente patrioticas, e a coadjuvar com a alta importancia do seu *Diário* tudo quanto é digno da sympathia e da estima do publico.

Tambem na nossa serie dos *Jornaes e Jornalistas* não anda envolvida a menor ideia politica. A Illustração não tem politica. Considera apenas como um dever fallar respectivamente dos homens de todos os partidos, quando esses homens tenham dado mostras de talento e de caracter. E por isso que na nossa galeria passarão todos os perfis — todos os perfis que nós julgarmos dignos da nossa camaradagem e do bom nome da nossa revista.

A Redacção.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

OS factos ao pascor mais indifferentes da civilização encadeiam-se tão logicamente, se se lhes investigar bem a origem, que, sem grande esforço, se lhes encontra a successão genealogica. Na imprensa periodica todos os acontecimentos se ligam, bem como nos successos politicos e sociais. Quando se publica ha vinte annos o primeiro numero programado da bem sadada folha popular de que nos pedem a livreria, em 26 de dezembro de 1864, liam-se n'el estas lezes palativas: « *Te* » dos os palcos illustrados possiam publicações d'este genero, e nomeadamente a Inglaterra, a França, a Belgica, e ainda a nossa vieilha Espanha!... A ideia não é pois nossa, senão imitada ou traduzida, como a melhor quizerem, para presenciar uma notavel lacuna na do nosso jornalismo. E o meio de publicação que a empresa do *Diário de Noticias* adopta emboa para regem singulares, são tambem copiosos do que se usa n'esses países, etc. Os jornaes a que o auctor d'este programma allude, eram, principalmente *Daily Tele*

graph, de Londres, o *Petit Journal*, de Paris, a *Stille belge*, de Bruxellas e a *Correspondencia de España*, de Madrid. Era o socio redactor do jornal, pois a empreza se fundara entre Thomaz Quintino Antunes (hoje visconde de S. Marcel), proprietario de uma importante typographia de Lisboa, e Eduardo Coelho, que ao tempo tinha a seu cargo as chronicas diarias da Revolução de Setembro e do Conservador, jornais do partido liberal regenerador e catolico fusionados, e de diversas correspondencias para jornais das provincias, — quem redigia e programava, e quem desde muito buscava lançar os fundamentos d'essa publicação, principalmente indicado pelo exemplo d'esses jornais, nomeadamente do *Petit Journal*, de que recebera em Lisboa os primeiros exemplares apparecidos em Paris. Thomaz Quintino Antunes, nas conversações previas dos dois, antes de fundar-se a sociedade, teve tambem fô na idea, e na melhor oportunidade economica dos seus trabalhos, resolveu fundar a folha. Não sendo esta, para nenhum dos fundadores, um impulso de vaidade litteraria, ou desejo de obter influencia para quaisquer fins politicos, pois era ponto fundamental que o *Diário de Notícias* não se ingerisse nas luctas dos partidos, que em geral aborreciam os leitores de muitos dos outros jornais, por serem em demasia exclusivistas e exagerados e cheios de personalidades offensivas os seus artigos, começou-se modestamente, restringindo as despesas do stricto indispensavel. Os compositores eram os rapazes da escola typographica da Typographia Universal, sob a direcção do mestre, o que dava um resultado a vir a fazer-se a tiragem muito tãrdia, começando a compôr-se o original na tarde, de um dia, gastando-se toda a noite, e entrando a revisão e correcção pelo dia immediato adiante. Os primeiros numeros saíam ao meio dia. O unico redactor era Eduardo Coelho, auxiliado por um secretario seu, um padre já fallecido, que lhe ajudava a escrever as correspondencias. Thomaz Antunes dirigia todo o expediente administrativo; e não era pequeno o seu encargo. Muitas vezes tambem ajudou a rever as provas. Não era raro que o sol, que os vira de manhã a ambos sentados á banca de trabalho fosse allumiar outros orbes, e voltasse a nascer, e subir ao zenith, no dia immediato, encontrando-os ainda lá a combatarem o modo como haviam de servir mais facil e regularmente as exigencias da publico em receber o diario com assiduidade, pois que a idea parecia vingar, e todos comiam a inscrever-se assignantes na nova publicação.

— Pois que, diziam os dois amigos, ao formular no periodo de elaboração da idea, os calculos de probabilidades, não ha de ser bem succedido um jornal mais barato que todos, que dê com a possivel exactidão, conta de tudo, que não descomponha ninguém e que ande azeitado de leitor pelas ruas, em vez de estar fidalgamente a espreita d'elle no escritorio, e de custar-lhe o dobro ou o quadruplo do preço, sem lhe contar tanta coisa e sem lhe deixar sobre os factos o seu criterio desossobrado?

— E quem ha de espalhar pelas ruas o novo jornal?
— Não tem que estudar: os cauteleiros: vendem a cautella da loteria, e offerecem conjuntamente o jornal.

— Não tem que vêr, que ha de ser assim. E a elles que convém.

Oh! mas elles não tinham contado com a aristocracia dos cauteleiros d'aquelle tempo!

Quando um dia foram convidado, viram-se olhados com desdém, e voltaram-lhes as costas dizendo:

— Ora essa! jornais! vendem-se pelas ruas? jornais, essa má rapa, de comprometter a gente! Jornais, distribuíam-se? isso é lá coisa decente!

Estava perdida a empreza! Se faltasse a venda nas ruas, ia-se pela base o projecto.

E todavia, um rapazinho docil, que poderia hoje ser encontrado entre os redactores do jornal, porque se insinuou nos cursos populares, e lhe deu a natureza uma pronunciação vocagica litteraria, na sua dedicacão pelo diario que vinha de nascer, saíra com a sua blusa azul, o seu chapéo de abalo de oleada, á marinhada, a sua elegante taboleta azul e branca a levar ao publico o conhecimento do novo jornal, que a todos fôra uma surpresa, e vendêra todos os exemplares.

— Mas não seis o facto simplesmente o effeito da novidade? Agradecida realmente a nova publicacão? Ou não haviam se vendido, avulso, á porta do Passado Publico, hoje tão lindamente substituido pela magnifica Avenida da Liberdade, alguns jornais litterarios e satiricos, de pouco valor, e quando se queira ridicularisar algum escriptor, dizia-se:

— Aquillo é redactor de jornais da porta do Passado! Não lho provocaria igual anathema? Houve até quem dissesse e escrevesse logo á apparição do *Diário de Notícias*:

— A imprensa arreastada pela lama das ruas!

E não obstante, se podesse haver lama na imprensa, não era no jornal popular, em que depois todos os talentos da nossa terra se deviam lisongear de escrever, por ser folha destinada ao povo, e um dia tão querida d'elle, que deviam procurar essas graças:

A perspectiva de ver comprimentada a empreza, por falta de vendedores, porque ninguém se queria deitar á nova industria que se offerecia aos rapazes ociosos das ruas, inspirova uma resolução a Thomaz Quintino Antunes:

— O ovarino! — Restava consultar o laborioso e honrado ovarino, a energica rapa da costa avetanesa, esse modelo de trabalhadores incansáveis, industrioses, que convergiam a vênham sarcasmo aristocrático da dos roses da capital, que proficiam incommodar os homens que o ganhavam pela sua actividade, pedir esmolas, ou haver o necessario por outros meios a ganhar um tãdo trabalhoso honestamente a um mister honrado. Como muitas outras coisas, vender jornais, para aquelles figurões, não era emprego decente.

Thomaz Quintino foi lá ran do Mochoadinho, quartel geral dos hostes ovarinos, propoz-lhes o negocio, e veio logo a correr uma multa enorme.

— Por quatro vinténs cada um, vai lá tudo, disse o orador Manuel dos Camarões.

— Nada! Vocês levam-os á experimentação. Os que não venderem, recebem-se-lhes. Dos que venderem ganham dez reis em cada um, tres dosques em cada cento, sete vinténs e meio em cada cincoenta!

— Tres reis? caes tres reis não quã! diabo!

— Sejam no primeiro dia alguns a ganhar quatro vinténs.

Como perceberam os que venderam meio cento que 30 reis eram mais de 80 reis, e isso percebe o ovarino á legem, quixam logo todos vender por sua conta, que era, afinal, o que convinha á empreza, e o que estava calculado:

— Como te chamas tu?

— E cá mantê! por Antonio.

— E tu?

— O prior deitavão-me lá Francisco Tainha.

— E tu?

— Chiamam-me Joaquim.

O ovarino insinuou Lisboa com o jornal.

— Vã lá o *Diário de Notícias* a dez reis!

Era o seu preço desde madrugada. Estava creada a nova industria, que depois deu occupação a alguns rapazes que não a tinham.

O publico gostou do jornal e do ovarino, porque gostou de que trabalhavam. A poetisa D. Maria Rita Caeiro, escreveu um gracioso hymno dos vendedores.

Houve tambem, como é natural, gente de orgões auriculares delicados, que chegou a ir pedir á policia que prohibisse aquella infernaria que se não podia aturar, e sobretudo a perseguir dos garafos atraz das pessoas que passavam. O ovarino ate pediu, pelo amor de Deus, que lhe compensas o jornal. Respondendo ao que pôde haver de incissão no exaggero da queixa, o *Diário* traduziu assim a preço do ovarino:

— Ô meu senhor! pelo amor de Deus acostume-se a lêr, moeste ao menos que sabe mais alguma coisa do que eu!

O *Diário de Notícias* deve muita gratidão ao ovarino.

Mas tambem vão agora lá vel-os-as-sua terrens. Alguns tornam-se uns ricosos. Como ovarino, varino, ou vareiro é extremamente sobrio, se alimenta com um bocadinho de brân de milho, um sardinha, se a ha, ou uma fibra do bacalhau são, traja um gálio de cantanhão, ou uma camisola e um barrete de lá grossista, que lhe duram toda a vida, o dinheiro, na sua mão tem um valor immenso, e chega para comprar a casinha, o barrego, a courelia, por toda de cômes e bebes e inventar mil pequenozas modas de vida. Muitos retiraram da revista ao fim de annos, e traspassam fãci o primo, o irmão, ou o visinho o direito de servir os freguezes. Esse direito ou a venda d'essa venda tem já chegado a vender-se, — por rose fabulosos isto! — por 300000 reis, e 400000 reis!

Os cauteleiros e os ociosos de Lisboa lá se foram arrastando a pouco e pouco na imitação do ovarino, mas ainda preferem ser distribuidores assalariados da administração, que sempre é coisa mais decente, dizem alguns, porque pôde ainda fingir ser emprego publico!

Andam na venda tambem muitas mulheres. Um janota corajoso, mas decido, chegou a organisar uma avulso de 400 jornais tirando uma mezalla de uns 140000 reis e tendo dois distribuidores seus.

Talvez começavam, pois, a compôr o jornal, mas alguns envergonhavam-se de lêr na rua: escondiam-se nas encadas. Amigos dedicados e que dicavam um pouco a lei nas regies elegantes combateam com vantagem esse preconceito.

Um dia o jornal contava esta anedota:

« Uma costureira elegante vende sobre o báculo de um estabelecimento de modas o nosso jornal; perguntou o dono da casa em tom de desdém:

— « Então tambem cá tem este jornal? Lá em minha casa não se vendem e que é leão. »

« Era verdule. Mas a razão é porque n'aquelle case só os creados sabem lêr. »

Havia muito d'isto. O *Petit Journal* tambem em Paris é, ainda, por desdém, chamado o *jornal dos cocheiros*, quer dizer — jornal do povo.

Quando o *Diário de Notícias* appareceu não havia nenhuma publicação de facil acquisição para os multi-dões baratas que era a condição economica essencial. O

typo do leitor popular eram ainda as folhas volantes, vendidas pelos cegos das folhinhas e almanacs, noticias extraordinarias, versos ou anedotas e os opusculos do que o poeta escrevia:

Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendam a cavallo d'um barbaute.

Em uma incissão e diabo. Centenas de pessoas corriam á rua dos Catifes a procurar uma nova folha:

— Aqui é que é o novo papel dos annuncios? dizia o homem do povo: eu tambem queria entrar cá para isto. Ora, voltando no fim do mez a renovar a assignatura, que fica paga a 140 reis incassos, como quem lá pagar a quaga do monte-pio:

— « E tambem sou socio, e venho pagar o mez que devo. »

Muitos ouvindo lêr as coisas e os casos do papel mal-diziam e infelizmente de não haverem aprendido a lêr; muitos outros aprendiam a soletrar no jornal. O caracter popular, que a redacção sempre procurou conservar á folha, o respeito por todos os informados, o amor por tudo o que lhe parecia grande e generoso, o permanente propaganda do bem, como offu a tem entendida, a isenção partidaria, conservando-se sempre fora do alcance das paixões politicas, quixeram que sejam as predilecções dos seus collaboradores, em que, aliás, tem havido homens de todos os parceres, o cuidar, embora sob a forma ligeira da noticia, de advogar os grandes interesses sociais, tendo por fim o engrandecimento da patria, e não admitindo em suas columnas, como dizia o programma, a polemica partidaria, a pugna des-honestas, as reconvenções infelizes, o filio offendendo o pai, o marido insultando a mulher, o discipulo agredindo o mestre, o cidadão desacatando a autoridade publica, e acatando, enfim, muitas outras considerações de ordem moral que entraram no seu plano, — encerram, por certo, o segredo da sua extraordinaria publicabilidade, que tem florescido com a concuerencia. A tiragem do *Diário de Notícias*, que hoje regula por 26000 exemplares, havendo dias de mais e dias de menos, porque n'elle se dão eguaes fluctuações ás que se sentem na imprensa estrangeira, começou de 4000 a 5000. O mais forte elemento da sua felicidade economica é o annuncio, que em país nenhum é tão barato como em Portugal e principalmente, — pondera-se bem, — n'um jornal que representa uma tão grande tiragem, onde conservando o preço typico de 20 reis a linha, com uma vulgarização de o dobro, e triplo, ou o quadruplo de outras publicações similares, equivalet, comparativamente, a um preço muito menor.

O jornal, em virtude da muita affluencia de annuncios, teve de adoptar quatro formatos diferentes de papel, segundo as exigencias d'essa mesma affluencia, e não são os formatos maiores, em que o papel é de um preço, relativamente elevado para um jornal que se vende a 7 reis para o revendedor, e saca semelhante preço para a assignatura, os que dão maior lucro á empreza havendo uma desproporção entre o augmento da receita do annuncio que obriga a esses formatos, e o augmento do custo do papel reproduzido em muitos milhares d'exemplares.

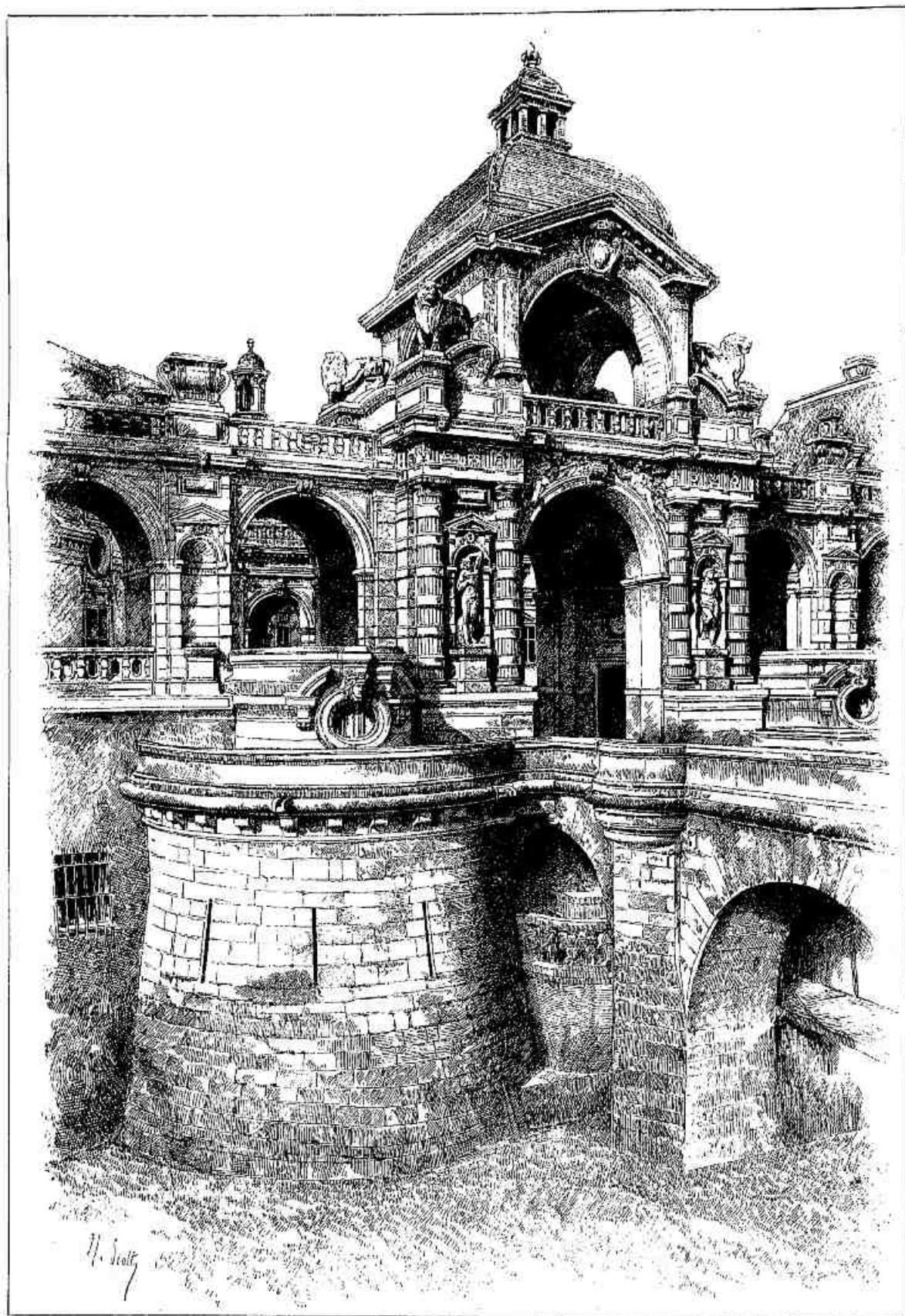
Um gerente inattentivo e instruido, Antonio Ferreira de Lima, com haça pratica de administrações de jornais politicos, o que lhe deu conhecimentos especiaes do expediente administrativo, — arrecadando das pequenas receitas, organização do servico de distribuidores, servico de assignaturas, etc., geriu desde os primeiros annos o jornal, que tem chegado a contar 400 e 500 vendedores avulsos, 30 distribuidores assignantes.

O *Diário de Notícias* tem publicado cerca de 2.000.000 de annuncios, havendo já chegado a inserir 700 em um só numero.

Havendo desde o começo da sua publicação, inaugurado e systema de abrir subscrição permanente para os pontos necessitados, familias recolhidas indolentes, socorros a toda a sorte de desgraças dignas, não tem distribuido menos de 50.000.000 reis durante os seus 20 annos de existencia, incluindo 4.000 assignaturas para o jornal *Paris-Mercure*, 4.000.000 reis para os ultimos terremotos de Andaluzia, etc.

Coadjuvado por um grande numero de escriptores, e tendo visitado suas columnas humilissimas, com collaboracão extraordinaria e efectiva, por tudo quanto ha de illustre no país, tem podido, apesar do seu andamento systematico da politica, tomar parte activa em todas as movimentações civilisadoras, dar a sua collaboracão influente a muita obra de progresso e engrandecimento publico, buscando sempre espalhar entre as multitudes, que o leem, as ideas do bem, da virtude e da justica, o amor do bello, o respeito por tudo que é grande e nobre, e fazendo da permanente obrigacão e desejo de servir a prosperidade do país — a condição essencial da sua existencia e da conservacão da estima publica.

Não seria senão um justo desvanecimento a enumeracão dos principaes factos que assignalam a historia d'essa publicação nas suas relações com a missão de que se julga investida pela sua excepcional publicabilidade, pela consideracão e estima publica, e pelo bom querer dos seus proprietarios e do nucleo de elementos que collaboram com elles; mas seria enfadadizo ao leitor o lê-lo, e talvez a abstenção pretenda justificar-se, de certo modo, abrangendo que a enumeracão seria longa por prender in-



UMA ENTRADA DO CASTELLO DE CHANTILLY, propriedade do sr. duque d'Aumale

tegramente com a historia politica e social da nação no quarto do século.

A força da sua publicação tem sido solicitada por homens publicos dominantes a favor de causas da mais alta ponderação nacional e internacional, e ouve um jornal antigo e altamente collocado na imprensa que, em diversos artigos editoriaes, pretendia ter sido esta folha a causa immediata dos factos que determinaram a guerra franco-prussiana?

Ministros do alto espirito, accusaram a sua direcção de ter com simples artigos de propaganda humanitaria, evitado que o chefe da nação assignasse duas sentenças de pena capital; muitas vezes o corpo dos professores reunidos louvou os seus serviços á causa da instrucção popular; o jornal é condecorado com o diploma de honra e cooperação da *Exposição agricola de Lisboa em 1884*; o governo francez distinguio com as palmas da academia o seu director « por serviços ás letras francezas na occasião do congresso litterario internacional da Lisboa em 1881, » e o governo portuguez com a comenda da ordem de S. Thome, ao merito litterario, expressamente por serviços gratuitos feitos ao Estado por occasião do Inquerito Industrial e da *Exposição agricola de Lisboa*. O mesmo governo agraciou com o titulo de visconde o socio-cuixa da empresa *Thomaz Quintino Antunes*.

Mais de 150 corporações litterarias e scientificas estrangeiras agradeceram por occasião das festas do tri-centenario de Camões, em que o jornal teve parte decisiva, a publicação gratuita de uma edição simples, mas phylologica e correcta, do poema os *Lusiadas*, em 34.000 exemplares distribuidos a todos os leitores do jornal e a 4.000 escolas.

Os actuaes redactores são :

Redactores effectivos. — Sr. Albino Augusto Pimental, filho de general Pimental, que commandou o batalhão de caçadores 5, appareceu com algumas familias titulares, cursou tambem a carreira militar e entrou cedo no jornalismo, profissão que principiou neste jornal, onde é um redactor laboriosissimo, atlado, excellente colleccionador



O ACTOR SANTOS

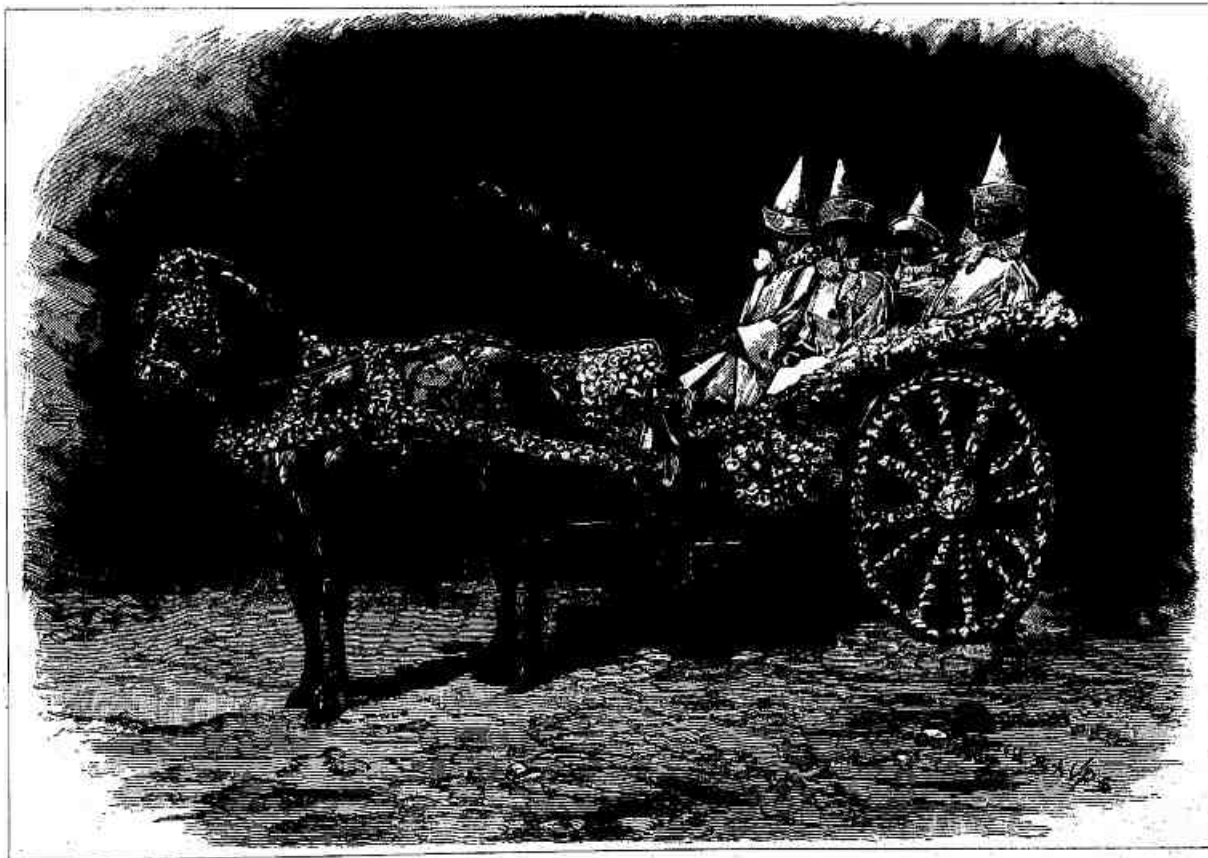
de factos diversos, não perdendo o mais simples caso a mais pequena circumstancia. É um optimo organisador de elementos noticiosos e de sensação.

Sr. João de Mendonça, professor de sciencias naturaes, geographia e historia, auctor de diversos estudos muito eruditos e interessantes sobre estas materias, com investigações da sua lavra, principalmente acerca da *Planta portuguez e ultramarina* muito apreciados entre os trabalhadores scientificos. Por isso estão-lhe mais particularmente confiados os artigos de caracter scientifico.

Sr. Pedro de Wenceslau de Brito Aranha, continuador característico e profundamente investigador do *Dicionario bibliographico portuguez* de Innocencio Francisco de Silva, por contracto celebrado com o governo. Todo o seu especial merecimento com relação a uma folha de caracter do *Diário*, está indicado neste simples traço biographico, sendo cecueado accrescentar que elle é copiosissimo em todas as suas informações, muito correcto na forma, jornalista antigo e experimentado e com um largo tracto das escripturas estrangeiras. Dedicou alguns trabalhos a Victor Hugo e tem esplendidas cartas d'aquelle genio.

Sr. João Baptista Borges. Foi educado na escola do diário. Ali aprendeu o machinismo dos *faits divers*, que formula com graça e tom denotativo, sendo um das melhores exploradores das circumstancias que constituem o romance do caso da rua, ou da porta da escada. Seguiu os cursos nas escolas populares; um velho padre da sua terra deenhe algumas noções de latim e tem algumas cadeiras da Academia de Bellas Artes. Não vamos fazer d'elle um sabio, porque isso o comprometteria como a muitos outros, mas alegamos que tem talento, graça, e sobretudo que é um optimo rapaz.

Folhetinistas. — O mais effectivo, o mais assiduo, o que ha mais tempo occupa oficialmente o cargo, escrevendo dois folhetins por mez, é Jafio Cesar Machado. Tambem é elle o espirito que nunca se esgota, que tem sempre a nousa propria do conhecimento, um cri-



O CARNAVAL EM NICE. — Um carro de flores

tenio chistealissimo, pulverizando de d'itos de espirito e boas anedotas, n'uma forma elegante e maliciosa, que dá lagrimas com o sorriso, o sentimento philosophico com obellecto, uma piparote que são coelhos e umas sazes que são osculos. Escripitor muito estimado e muito honesto, o *Diario* tem uma honra por o ter por leal collaborador.

Tambem adorna o folhetim com escriptos interessantesissimos, o brilhante *stylist* Visconde de Bencandor, e atreve na mesma seccao de quando em quando o leitor popular, assimadas gazetinhas rimadas que vai experimentando e salvando diversos acontecimentos da vida da rua, o poeta das platéias mais frequentadas pelo povo, o sr. Luiz de Araujo, escriptor muito gostado das multitudes, e que tem tambem desde muito, praça assente no jornal.

Ha alem destes, um grande numero de collaboradores effectivos, para diversas seccoes e informagões do jornal tais como *afandega*, *comercio* e *mar* e finalmente, *factos judiciaes* — criminaes e civis nas varias instancias; — factos militares e respectivos tribunales; factos da marinha e ultramar; factos escolares e revista de cursos; factos theatraes e litterarios; factos diplomaticos e politicos; academicos; informagões de incendios, desegens e accidentes, acontecimentos denominados: *galicinas* e de mais casos da rua, festas religiosas, associações e corpos collectivos, artes e industrias, hospitais, ministerios, Cortes, assembleias politicas, salões e modas, etc., correspondentes telegraphicos permanentes nas principaes cidades pben o jornal no corrente dos successos mais notaveis nas primeiras horas.

Um dos mais graduados empregados da Typographia Universal exerce o cargo de esmolitor, gerindo a caixa das camellas e distribuindo infatigavelmente assommas, que a folha são confiadas para essa missão benemerita, sendo acaustada no jornal a recepção e a anagra de todas as quantias, com as indicações indispensaveis para o publico poder constantemente vigiar essa conta de entrada e sahida.

Desde o principio da sua publicação o jornal destinou dar todos os annos um pequeno livro gratuito e original, como *brinde* em signal de reconhecimento, promessa que tem cumpido sem a menor interrupção, havendo distribuido ate agora 30 volumes e estando a ser elaborado o 24.º que é dedicado a Victor Hugo, isto é, a sua biographia e noticia das suas obras. N'este livro tem collaborado assim como no jornal, pode-se dizer, todos os escriptores portuguezes.

O actual correspondente em Paris é um filho do redactor principal e que usa o pseudonymo de *João Pequeno*.

EDUARDO CORREIO.



NOTAS SOBRE AS MULHERES

A opinião publica lança a deshonra sobre os maridos, por causa das faltas praticadas pelas mulheres. — O pobre marido é como esta creanga que tinha sido dada por compadre de um principe, e a quem botam quando o principe não sabia a lição.

Com imaginação e obstaculos, pode-se sempre adorar uma mulher; não é tão facil saber-a amar.

Emma conta triste para uma mulher ver que o homem que ella prefere não é o primeiro dos homens, e que nem toda a gente tem por ella uma grande estima e uma grande admiração. A estima dos outros por aquelle que ella ama é muito no amor d'uma mulher, porque no seu amante procura um apoio e um protector; porque sente que se identifica com elle, que não é mais do que uma parte d'elle mesmo, e n'elle se absorve, não querendo nem outra consideração, nem outra gloria que não seja a sua.

Deve-se julgar a belleza, não pelas proporções mathematicas do corpo e do rosto, mas pelo effeito que ella produz.

Todas as mulheres são a mesma; só ha differença nas circumstancias.

Toda a mulher se julga roubada pelo a-cór que se tem por uma outra.

ALPHONSE KARR.



LISBOA EM FLAGRANTE

A AVENIDA

ESTA aqui, está a cahir uma batega d'agua formidavel.

— Isso sim! São pequenas nuvens de offensas; não dão nada.

— A quanto apostas?

— Tinha graça! uma aposta bordada sobre um trivial motivo aereo. Nam que pertencessemos ao sport celeste, nós dois.

— Ora mas aposta. Que te custa?

— Pois bem: aposto que não chove... Inaugura-se hoje, com um menu soberbo, o novo Café-Restaurant do largo de S. Carlos; aquelle de nós que perder, paga o jantar dos dois. Valeu?

E n'este ponto do dialogo desembocava eu com o meu amigo Loureiro na praça dos Restauradores.

Tínham debilmente quatro horas no quadri-longo macisso da torre do Carmo, arrogante, magosa e negra como uma barretina de portamachado. Era a hora elegante, o momento do nosso *reunir-vos* mundano ao longo da Avenida, essa grande e ruidosa arteria per onde vão derivando febrilmente, alguma inconsiderada vertigem, as equipagens de luxo e as rendas municipaes.

Na nossa frente, embaciado, molle, d'um tom funebre de cêra, o monumento aos Restauradores apurava a casta a sua atarracada corvoza de cubros sobrepastos, no azul desbotado do céu. Pobre obelisco! Mayonaise indigesta de ornatos excessivos! O seu gongorismo obscuro é uma caricatura bem lastimosa da immensa recta, simples e austera, em que soube firmar-se eterno e incorruptivel o symbolismo tragico do Oriente. Fazia-me o effeito de querer embocetar-se todo, de cubo em cubo, successivamente, como um oculto que se fecha, e fugir e voar e sumir-se de vez d'ali. Dos grandes elmos de viseira levantada, abertos, doces, repellentes como velhos craneos vãos, eu via sahir as linguas petulant de varios diabinhos cascalheiros. E o bronze das duas estatuas, — Liberdade e Independencia, — tremia de vergonha sob as lonas esburacadas.

Adeante, abriu-se-nos na frente, radiosa, larga, saudavel, vibrante de ar e de luz, a celebre Avenida. Extensa d'um kilometro, estirase primeiro horizontal, espreguicando os seus longos bracos de beton, em cuja lisa superficie os monticulos dos pés das arvores são como a *chair* de *paille* picada por este rio noroeste de janeiro; e vac depois subindo em manso declive, a estreitor, a estreitar, e a esfumar-se no alongamento da perspectiva, até intestar indeciso e doce, lá muito em cima, com o magro verde icterico da argilla de Valle do Peireiro.

A tarde descae para o seu termo com uma fria languidez de moribundo. No céu, d'uma claridade humida, baça, penetrante, pairam grossas nuvens lividas, preñies de aguaceiros. O sol já não aquece. Como a recatar-se da averse que reputa imminente, está-se rodeando cauteloso d'um *water-proof* espirital e fluctuante de nuvens cor de creme. E assim rôxo, tremulo mordente n'aquelle céu marmoreado e inerte, parece uma freira na pelle d'um gôndolo.

Os seus raios vacillantes inundam de oiro fôco toda a metade oriental da Avenida; e d'esse tenue insopamento laido que aguareta

os palacetes, destacam em negro franzinos e friosentos, estendendo os ramusculos ao alto como a aquecerem-se, os pequenos esqueletos das arvores dos passeios. Do lado opposto, onde ou grosso das pedras se agita, uma discreta penumbra começa a algodoar as coisas, e apenas os grandes vidros, polidos como espelhos, d'um e outro palácio brilham d'um reflexo esmalado e fugidio, quasi doloroso.

Entretanto, no improvisado boulevard lisboeta a animação cresce a cada instante. Pela grande rua central desfilam com elegancia ao pequeno trate, metade no sol metade na sombra, cavalleiros destros e garbados, entre os quaes, montando cavallos de preço, alguns sportmen distintos; amazonas finas, offegantes e nervosas, a cabeça em cima, n'uma auréola, a longa cauda rastalhando a penumbra, confusamente; mocinhos imberbes e astrevidos em graciosas *faças* estouvadas; militares crestados, rijos de *dolmans* vistosos, a espada ao lado, rutilante; uma ou outra *cocotte* em *remise*; algumas *pilecas* mais animadas do Arco do Bandeira; ligeiros *dog-carts* voluteando alegremente, como risadas; *landaus*, *phaetons*, *coupsés* mais ou menos luxuosos, reflectindo no polimento negro das suas caixas os objectos a correr, despedindo das rodas vivos e rapidos lampejos, que vão, á esquerda, regrear de leves listões de *prata* a porção na sombra do macadam. E tudo isto n'uma profusão muito razoavel para Lisboa; tudo, — os botões de *libré* luzentes, o tropear sonoro e firme, o resfolejar poderoso dos cavallos, o espelhamento de chapéus que se tiram, o ferreo tilintar dos arreios, as exaltanções, os acenos, as plumas, o sifo dos pingalins, — fazendo um surdo estrepido, uma crepitação fulgurante; tudo marchando n'um sussurro harmonioso e quente sobre a calçada orgulhosa.

Ao longo do passeio occidental que borda a grande rua do centro espree-se flamante, indominguada, tagarella, uma enorme e variada multidão. O caminhar torna-se difficil, impertinente, demorado, a espagios mesmo impossivel per entre aquella compacta promiscuidade. Com tanto espago devoluto, — um largo passeio logo ali á esquerda, parallelo, do outro lado do canieiro, e á direita, para lá das equipagens, dois outros bellos passeios, quasi desertos, e tão convidativos, tão limpos, tão mactos, tão luzentes na réste a esquerda do sol a agonisar, — já é ridiculo e estopido preconceito esta teima de se amontoarem todos á sombra n'uma unica esteira fta de beton!

Que singular ideosyncrasia, que mysteriosa atracção, que extranho afeiro poderá dar a razão d'esta porfia incómoda, d'esta obstinada e stulta preferencia?

Não sei... Apenas posso dizer que aquelle vivo marulhar de cabeças, fervorosamente alinhadas e premidas a um só lado da Avenida, me lembra as caravanas lineares de formigos ao longo dos caminhos.

E que o povo de Lisboa, opezor de todos os seus ares, é burguez, pacaio e rotineiro por excellencia. Lê Zola e come queijo Roquefort, — bem sei... mas de mão no nariz. Quer que a vida lhe discorra anodyna e pacifica, na eterna monotonia do trabalho em volta d'uma nora. O costume é para elle um dogma, o habito uma religião. Os dias consomem-se uniformes, synchronos, immutaveis, como se fosse o ponteiro d'um relógio.

Ora na antiga jaula mephitico do Passeio toda a concurrencia afflue á rua Central. Agora o Passeio, com as suas grades, as suas sinetas e os seus plantãos, acabou; mas o lisboeta, que, embora se não atreva a confessar, ainda hoje deplora profundamente a destruição do sombrio jardim sentimental, miniga a sua saudade... convertendo um dos *trottoirs* lateraes da Avenida, na antiga rua Central do Passeio. E, como esta era menos estreita que aquelle, temos a mesma população passeiando no mesmo sifo, mais embargada e opprimida, é

certo, mas também muito mais alegre, animada d'um clarãozinho secreto de maldade.

Sabem porque?... Oh! se o sr. Rosa Atoujo cae um dia em vir fazer a pé a Avenida, que bella vingança que não tira d'ella toda esta humana prensa indignada!

Em summa, agora ao menos pisa-se *beton* duro e macio em vez d'aquelle horrôso pó asphyxiante de cauleiro em dia de sorte grande.

Mas o lisboeta tem a cega persistência do castor. Conspira na sombra, solapa, estrue, machuca uma revolução terrível... em favor de Justino Soares. Teremos em breve, — que exulte a Baixa! — a musica ao domingo, a pyrotechnia barata e os bailes infantis. Assim o faz crêr aquella mole tremenda de pedra esquadra, que ali se amontou á direita, formidanda, junto a uma *aracaria* mirrada de susto. É o material para a barricada solemne em que hão de implantar-se espessos e impenetráveis como *in pace* medievos, o *corêto* e o *restaurant*.

Um jornal, paladino dos mais ardentes da Avenida na imprensa, que levou o seu entusiasmo a ponto de crear com essa epigrapha uma secção especial, n'ella escrevia, ha dias:

« Segundo consta, a camara municipal vai representar para que as bandas regimentaes toquem nos domingos na Avenida.

» Congratulamo-nos com a resolução da camara: é o que se chama entrar pela porta da Harmonia.

» Bemvinda seja a nova camara!

» Nós, que não somos fortes pela musica, temos pela musica um grande fraco.

» E fazia-nos dó que nem sequer esta primeira nota da escala se lograsse ouvir na Avenida.

» Verdade, verdade, já tínhamos feito a camara municipal *ré* d'esta falta.

» Chegámos a dizer com os nossos botões: — *Mi...sericordia, srs. vereadores. Façam favor de pedir musica ao quartel general.* Com estes de *sol*, custa andar lá sem ouvir a *Carmen* ou o *Barbeiro*. *St...* como aquelle pede mais attenção municipal.

» Felizmente, os nossos clamores foram attendidos, e a nossa querida Avenida vai ter mais encanto para os Domingos... e para as Domingas.

E, por modestia, attribue toda esta admiravel effusão de espirito... ao sr. Mendonça e Costa.

Brejelrote!

Já vês portanto, Avenida, que o teu *fiasco* é certo. Quando a formula mais culminante da *verve* nacional a teu respeito é o trocadilho, e a aspiração mais vehemente do seu desejo é um *corêto*, não pôde ser decente nem largo o teu futuro. Estás condemnada a não passares nunca d'uma coisa incompleta e mesquinha, uma aberração grotesca, uma extravagancia ephemerica.

Alguns lisbopathas ferrenhos affirmam embasbacados que tu és o nosso *Prado*, o nosso *Hyde-Park*, a nossa *Avenida das Tílias*, o nosso *Prater*, o nosso *Bois*. Ingenuos! Lá está o dar-lhes o desmentido, triumphantes: aquella mesquinha e banal flora dos canteiros; aquelles dois hippogryphos domesticos, poisados frente a frente, muito sérios e arrogantes, nos bordos d'uma piscina minúscula de *baby*... a cuspir-lhe para dentro; a constancia politra de todos aquelles tapumes, — um outro vicio nacional; o tenue fio de agua babujosa, crassa, verdoenga, d'uma opacidade suja de pantano, inruidada de microsimas perniciosos, que percorre doridamente as sinuosidades pathologicas d'aquelles estreitos lagos; aquelles velhos predios do Salitre, pontegudos e incorregiveis, a trespassarem-te o flanco obliquamente.

— Perdes a aposta, meu rico, — disse eu de repente ao Loureiro, por vêr, a despeito das nuvens lividas, o sol persistindo em allumiá-lo serenamente o vastissimo panorama.

— Veremos, — retorquiu grave o meu amigo, um bom rapaz de olhar claro, labios fina-

mente ironicos e intercilios vincados, em cuja figura insinuante havia o que quer que era de desdenhoso, senil e altivo, peculiar aos homens que se conhecem superiores á sua posição e ao seu *mio*, mas a quem a injustiça social amarfumava e a quem tortura a amarga desconfiança de que jamais serão apreciados no seu justo valor.

É, como a dar-lhe razão, uma delgada nuvem negra correu per sobre o sol o seu crepe ameaçador.

Então, um immenso AH! de surpresa e receio alastrou pela multidão, de nariz ao ar, inquieto. Mas o sol descobriu novamente, a rir escarofinho, e aquelles milhares de *flaneurs* continuaram o passeio no mesmo descuido prazenteiro.

Nós iam-nos internando gradualmente no marulho agitado dos peões em massa. E era interessante de vêr a variegada complexidade de côres, de sons, de movimentos que formava aquelle compacto oceano.

Predominavam os trajes escuros, impostos pelo lucto official. Das senhoras, pavoneavam-se algumas em corpo, sem medo ao frio; outras envolviam o busto em fartas romeiras de pellicia ou de velludo; outras ainda cingiam-se em *redingotes*, em *visites*, em *rotondes*, de alto preço; duas ou trez ostentavam, — que escandalos! — ligeiros casacos brancos debruados de arminho. Mas a maior parte vestiam graciosas levitas de *beige*, de canutilho de seda, de grosso panno, de *astrakan*, em todas as nuances do negro, do verde, do amarello, do castanho, do azul: e estas tinham um ar tão pateticamente elegante, — assim nos seus corpos justos de hombros largos e gola direita, caindo perpendiculares do seio proeminente, os bolsinhos na frente, microscopicos, adornos vistosos de grandes botões lavrados, de bandas de velludo, de volutes de trancelim; — quão desgraçado e ignobit n'aquelles promontorios immensos das *tornures*, a bamboarem-se pesadas, bojudas, hirtas como cabides ambulantes.

Incostados ao tapume dos canteiros em attituds contrafeitas e estudadas de manequins na montra, poisavam em barda os janotas, esticados, empapelados, lisos, humoristicos, collarinho á inglesa, barba á Guise, penteado á Capoul. Como era domingo, o elemento *caixeiro* punha a espaços na conspícua *etalage* a nota plebeia da sua bandolina e dos seus joanetes.

Principiámos a distinguir typos conhecidos.

Ladeado de dois fidalgoes de provincia, o visconde de S. Gilão lá segue vaidoso, fatuo, arrogante, — o chapéu descido á esquerda, sobretudo côr de mel todo abotoado, bengala de unicornio incastada em oiro, luvas pespontadas, — fallando alto e escudido, dandinando-se negligente e altivo, curvo o tronco n'uma affectação bohemica, a sobranceira vincada com insolencia, os labios caídos com desdem.

Na orla branca do passeio, junto a uma columna de candieiro, expõem-se muito artificiaes e muito evidentes, a cavaquear cantadamente varios actores e litteratos entre os quaes o Vieira Lima, — sabem? — o ousado jornalista, com o seu chapéu-alto enorme, que pelas abas mais parece um guarda-chuva, o seu sobretudo gemma d'ovo com golla de velludo castanho, as suas luvas côr de vinho a sua bengala barata d'*directorio*, os seus sapatos-falua, a cara trivial e inexpressiva toda franziada no exorço de reter um monoculo sem grau.

Pelos confortaveis bancos de espaldar, alinhados ao longo do passeio, continúa a aninhar-se furioso o namoro indigena, revigorado em vez de attenuado, como qualquer outro *bacillus* morbido, com as culturas successivas. Uma languida Julietta, — dengue, pallida, negros olhos elegiacos, — dizia ao seu Romeu de sobrecaasca, mostrando um grande *break* que lhes passava na frente, a trotar fogoso:

— Ah! aquellos cavallos o que vão depressa! Que medo!

— Elle, n'um impeto de Antony:

— Quer que vá sustel-os na carreira!

— Crêdo!

— Um olhar seu... e vou!

Dois criticos quassquer vinham fallando do *Grupo do Leão*, e um d'elles declamava, tolo e convicto:

— O quê, menino! O *Caim* uma obra soberba?

— Pois não achas?

— Ora adeus! É um *Caim* d'agora, um *dandy* do Chiado. Está a pedir luvas e botinas de verniz.

Ao tempo, produziu grande sensação um *dog-cart* amarello d'ovo, que subia guiado por um grande rapazião alto e grosso, de fartas suissas loiras, olhar azul traçoceiro, um intenso derange de sensualismo espapado nas feições. Trazia a Salgado filha ao lado. — O quê?... — commentava-se, — pois aquella menina, tão bôa, tão ajuizada, tão séria, tão ciosa do seu nome; aquelle coração orgulhoso e frio que tem rejeitado tão bons casamentos, vem agora assim á Avenida sózinha com um rapaz!

— É um primo brasileiro, que chegou ha dias: diz que gosta muito d'ella. Conheciam-se de pequenos. Elle tinha embarcado ha dezoito annos, nunca mais souberam d'elle, e agora voltou parece que riquissimo. Está hospedado em casa d'ella. A mãe deixou-o instalar com a melhor sombra lá em casa... a elle e á caixa-forte.

— Parece impossivel, meu Deus!

Pouco depois, apanhavamos ao lado este *bout* de dialogo interessante:

— Sim senhor! Isto vai bem este anno. Agora o Masini e a Schalchi; depois a Devriès; e a Patti creio que sempre vem. E vamos ter *Cenerantola*, *Herodiade*, *Gioconda*, *Rei de Lahore*...

— Rei de Lahore... — atalhou, como recordando-se, um grosso caixeiro de coabança, recentemente elevado pela fortuna a *parvenu* idiota, — ah! meu sei; não é mau tenor, não. Ouvi-o em Paris ha dois annos. Já deve estar escangalhado.

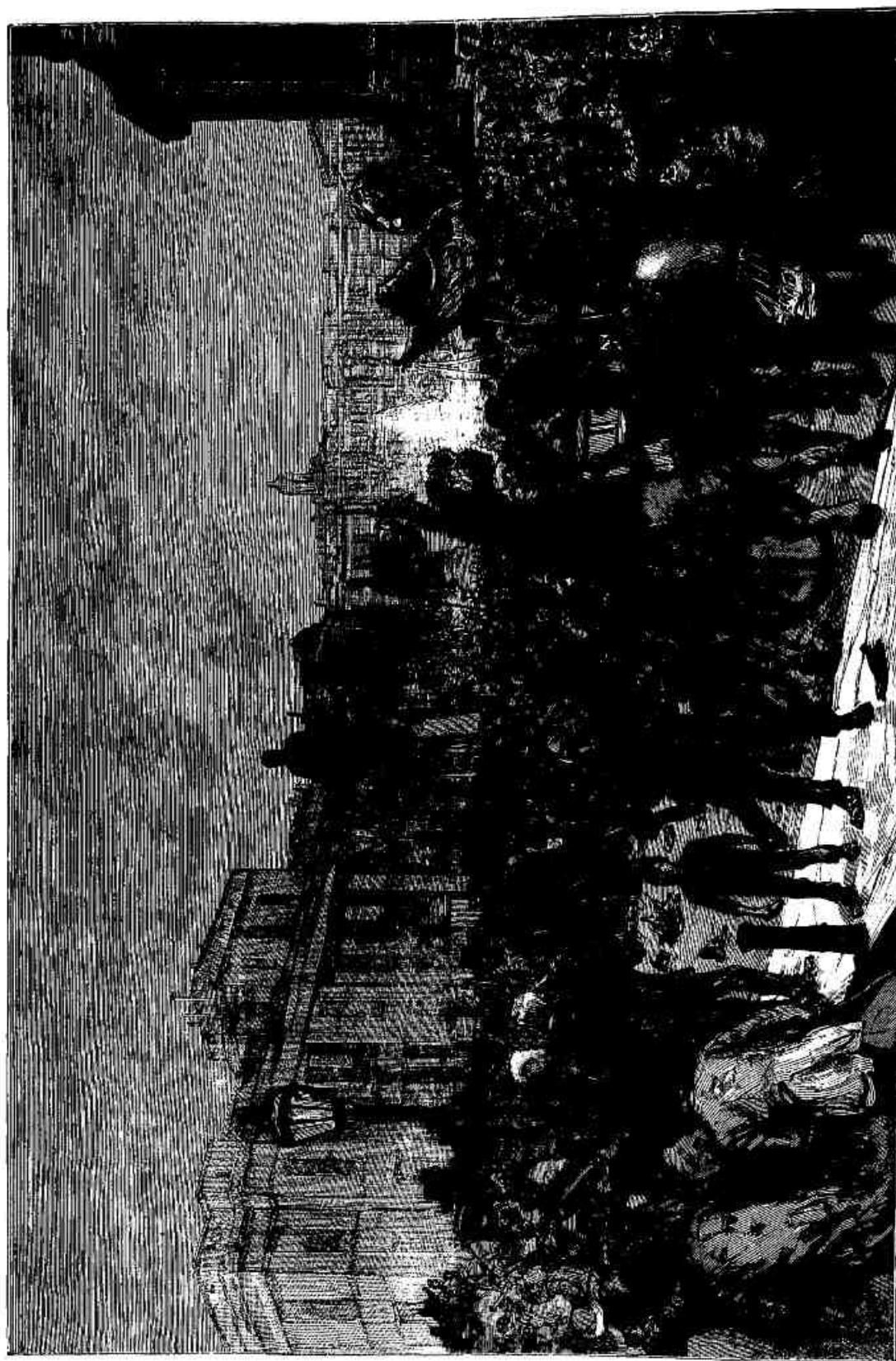
Tínhamos chegado ao extremo da parte plana da Avenida, limite obrigado do passeio dos peões. D'ahi para cima uma larga rampa subia, desfogada e luminosa, salpicada de manchasinhas negras de gente a pé, corrida d'uma fresta viração sadia, pinturilada finamente dos pernis vistosos dos cavallos e equipagens, que iam e vinham mogestosos, attenuados, leves, indecisos, n'um bravo sussurro harmonioso, nimbados docemente pela humida gaze côr de rosa do crepusculo.

Delicioso como uma paisagem de Millet.

Aquella amplidão alegre e sonora, aquelle vento generoso e brando, aquella brumosa e mansa claridade fascinaram-nos. Subimos também um pouco; e, ao voltarmos-nos lá em cima, a multidão cerrada, em baixo, ao longe, apinhada no *trottoir* estreito que a sombra dos altos predios escurecia, lembrava um grande horro movediço, ou, melhor, uma longa tira d'este cartão muito aspero, de desenho a pastel, que tivesse sido todo brossado de carvão uniformemente, mas cujos felpos rebeldes se mantivessem no ar, ainda claros.

Fomos descendo. E então, na cauda d'uma enfiada temivel de espaventosas Phryniés andaluzas, cheias de tentações e de *fará*, appareceu a Georgina, — loira *cocotte manquée*, peccaminosa flor das margens do Douro, que aportára a Lisboa com as melhores tenções de se manter bem alto, fascinante e inaccessivel, até conseguir atrellar solidamente pelo coração e pela bolsa algum opulento Didier; mas a quem as difficuldades pecuniarias dos primeiros mêzes, juntas a uma compassiva e ingenua bondade, fizeram breve popularisar-se, amaciá-la, descer.

E está!... Não me vêem agora ali, n'um soberbo *landau* brazenado, aconchegados e unis-



INGLATERRA. — Os tumultos dos socialistas nas ruas de Londres



1. A farandola. — 2. O fandango. — 3. O ataque ao buffete. — 4. « tombola. » — 5. O mais feliz de todos!
O CARNAVAL EM PARIS. — Os bailes das creanças

dos sób a mesma esplendida pellica, muito amiguiños, o marquez e a marquez de Adorigo! — Então em que ficou aquelle escandalo picante do sapatinho?... um chapim-rosa ideal, que a marquez, por vingança, deixou na celebre casa da rua do Norte, onde o marido fazia as suas entrevistas com a miss Arabella do Colyseu?... Fallou-se em separação, em duello, em tentativas de suicidio... e afinal...

Quando eu porém me dispunha resolute a embrenhar-me afoitamente n'um dedalo idiota de considerações, disse-me sinistro o Loureiro, apontando o céu:

— Olha, olha; vaes vêr.

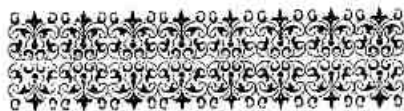
E mostrava uma densissima nuvem de chumbo, que crescia rapidamente para nós, rasteira, algodoeira, a inchar; acossada polo noroeste que voltára ríspido, em rajadas cortantes, inexorável, aggravando a nephrite chronica d'aquelles pobres martyres, o Tejo e o Douro, que se acocoraram desamparados, nus, de rins ao Norte, sobre as cupulas das cosecatas embrechadas.

Mal elle tinha acabado, e já uma averse medonha começava a fustigar o Avenida em grossas cordas nevadas, obliquamente, regando de vidro o espaço, innegrecendo as cantarias, perolando-se nas arvores e nas sédas, esparrinhando metallica do beton.

E enquanto eu gosava o debandar alvoroçado da multidão, — gritado, torvelinhoso e negro como uma revoada de estorninhos, — o Loureiro segredava-me bonacheiramente:

— Perdêste, meu caro. Vamos jantar.

AN I. ACACIO.



PENSAMENTOS

Nada dá vida, nem nada mata, como as camomillas.

As grandes alegrias fazem chorar, e as grandes dores fazem sorrir.

A desgraça presente é egoista; a desgraça passada é compadecida.

Poucos sabem soffrer, por falta de coração, e gozar, por falta d'espírito.

Carreguem em todas as cousas, um gemido saído.

Havemos de saber que fomos felizes, não sabemos se o somos.

A origem da nossa miseria nem é sempre devido á violencia das nossas paixões, mas á fraqueza das nossas virtudes.

Infeliz, receia-se de tudo; feliz, de nada se receia.

O mal triumpho muitas vezes, mas nunca vence.

A solidão vivifica, o isolamento mata.

Padre Joseph Roux.

PAIZAGEM TRISTE

I

*Mostrando o céu, como um auligo monge,
O campanário da velozta igreja
Por entre as verdes arvores, ao longe,
Bem como as flores da magnolia, alveja.*

*Lambendo os pés a nuotras de granito,
Vae o rio a gemer angustiado,
Como gente e se estorce amargurado
Nos antros infernaes algum precito.*

*Luctando sempre n'um combate rude,
De paz sumente goza, quando para
No remanso tranquillo do açude,
Que espelha o céu na superficie clara.*

*Frondeja o castanheiro, cuja sombra
É doce e grata ao lavrador na seiva,
Quando as rolas arrulham na floresta
E os buis se deitam sobre a fresca alfombra.*

*Gira com seu monotonio murmurio
O espumante radizio do moinho;
Pousa a pomba no coimo do tuguio
Que está ao pé do gigantesco aquino.*

*Na arcaria da ponte az az-flores
Prendem os ninhos terreaes, voltando
A flor das águas, festivos, um bando,
L'ondo em fuga as brillantes luellinhas.*

*E as ninfas, sua preta appetecida,
Que voam, fogem, pedidas de susto,
Procurando, nos margens acolida
Na verde sombra d'um vigoso arbusto.*

*Tinge o sol de cor d'ouro e d'amethysta
As montanhas e as arvores retrata
No rio, como lamina de prata,
O sol fulgente — primoroso artista.*

II

*Era este o sitio onde Helena
Vinha nos tardes calmosas,
Pallida como a acacia,
Procurar a cor das rosas.*

*Queimada pelos ardores
Da febre latente, pedia
Prescisa aos montes, das flores
E aos mungos da peuedia.*

*Com uma tristeza menzua
Aos pinheiras das collinas
Pedia para a doenca
Os balsamos das resinas;*

*E aromas que o vento leva
Passando pelos molinhos
Fortados á flor da esteva
Furtados aos rosmaninhos.*

*Tinha fe no arvoredo
Eden festivo das aves
E nas herbas que em segredo
Criam fragancias suaves.*

III

*Ao florir da amendoeira
Helena cahiu doente
E ouviu-se uma ave agorreira
A plar sinistramente.*

*Os dias da juventude
Rápidos foram passando
A alegria da saude
E a formosura levando.*

*Inda não tinha sen fructo
A amendoeira perdiao
Andavam os pães de luto,
Helena havia morrido.*

*Quando a viram reclinada
No frio leito da cova,
Diziam todos: « coitada!
Que pena morrer tão nova! »*

*Contemplando esta paizagem
Onde conheci Helena
Entravejo a sua imagem
E... que saudade... que pena!...*

ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.



BIBLIOGRAPHIA

UM POETA NOVO

ANTES de me chegar ás mãos a *Lyra meridional* do sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco — (primorosamente editada pela livreria Campos e Godinho, bonito papel, impressão elegante e esculpida, um volume que faz honra á typographia portugueza) — tinha visto nos jornaes opiniões como estas que passo a reproduzir:

— Que o auctor nos seus versos egualava por vezes Campomór, em simplicidade e sentimento poetico;

— Que o auctor nos seus versos tinha sabido traduzir por vezes o sentimento e a ironia que se exhalam das poesias de H. Heine.

Ora hoje que tenho diante de mim a *Lyra meridional*, e depois de a ter lido, ousou avançar o seguinte:

— Que os srs. criticos que citaram Campomór e Heine para saudar a apparição do volume de versos do sr. Antonio Castello Branco, ou quizeram sorrir do poeta — o qua eu não creio, — ou nunca leram Campomór nem Heine, — ao que eu do coração me inclino!

★ ★

Se a memoria me não falha, o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco é um grande moçoão do norte de Portugal: alto, espadado, immensamente forte; boas côres de provinciano que nunca ouvia fallar em anemias, nem em gastralgias, nem tão pouco em nevroses; barba cerrada; o ar um tanto selvagem, mas suave; grande influente eleitoral nas suas terras; moçoão que veio até Lisboa, micamente, para se sentar em São Bento — por consequencia, tendo a Politica por fim e fazendo, por desfastio, nas horas vagas, a corte á Poesia.

Se a memoria me não falha ainda, — foi Fernando Caldeira, este poeta que veio ao mundo muito tarde, quando Triana e Watteau e madrigaes já não eram d'este mundo; poeta aristocrata, n'um seculo em que os Reis vestem sobrecasaca e os srs. Mercadores o menos que ambicionam é um titulo de marquez; poeta delicado, fino e risponho, n'uma epocha em que a Poesia se compraz em arregaçar as mangas e injuriar o burguez, ou então em carpitrizozas e cantar pessimismos schopenhauerianos (que monstruosas palavras!) — foi Fernando Caldeira, digo, quem, com um sorriso que illuminava toda a sua barba loura, me apresentou, não o poeta, mas o deputado Castello Branco...

Depois, é que no decorrer da palestra, á porta da *Havaneza* (porque tudo em Lisboa se passa á porta da *Havaneza*!) quando cada um de nós estava á vontade, cavaqueira de rapazes, é que o sr. Castello Branco me contou, como quem conta loucuras, extravagancias, asneiras dos vinte annos, que fazia versos e escrevia prosa nas horas em que São Bento não absorvia a sua pessoa.

Côisa curiosa! Estamos chegados ao fim do seculo XIX. Em Hespanha, em França, em Inglaterra, na Allemanha, na Belgica, na Hollanda, na Italia, por toda a parte emfim, todo o homem que é poeta, jornalista, romancista ou dramaturgo, não hesita em declarar bem alto á sua profissão, a sua profissão d'homem de letras, uma das mais nobres, senão a mais nobre d'entre todas que um homem pôde ter. Porque ha as profissões d'acaso, e aquellas que se obtêm por influencia ou por protecção. Emquanto que esta de escrever, de impressionar e commover a multidão, só depende das faculdades do homem, da sua intelligencia, do seu talento e tambem do seu caracter.

Mas em Portugal é que as cousas se não passam d'este modo. Em Portugal tem-se vergonha de se dizer que se escreve, tem-se mdo de ser por tal motivo assobiado pelo publico. E é-se para o mundo: deputado, segundo official, amanuense, alferes (oh!

que d'alfores na litteratura portugueza) — o é-se para as damas, para o club, para as praças: poeta, jornalista, conselheiro ou dramaturgo...

Alfores para as cousas serias, quando a patria possa estar em perigo — e Poeta para as ceias no Dífundo ou para as esperas do gado!

Longe de mim a ideia de chamar ao sr. Azevedo Castello Branco, poeta do Dífundo. Seria uma injustiça, e seria além d'isso uma indelicadeza feita a Fernando Caldeira, cuja amizade e convívio eu tanto aprecio.

Tento apenas generalisar o assumpto, e de dar em gróssos a minha opinião, sem fazer allusões pessoais. Aviso aos intrigantes.

Mas também disse que a *Lyra meridional* não me fez lembrar um só instante, nem Campoamor, nem Henri Heine.

Para se chegar ao sentimento humano e á simplicidade dramatica de Campoamor, é necessario que o poeta seja só poeta, um ser vivendo apenas d'Arte, pensando só em Arte, sempre a Arte na sua conversação, sempre a Arte nos seus proprios sonhos. E este convívio, esta união, este amor que liga para sempre a Alma humana ao Ideal artistico apenas se aproximam e se comprehendem, nada deve ter de affectado... O Poeta deve mesmo ignorar o seu estado e só o Critico o deve advinhar e analisar.

É assim, pensando só na Arte, vivendo só para a Arte, que se chega a ser Campoamor, como se é João de Deus, como se é Leoncio de Lisle e Banville, como se foi Musset, Heine, Beaudelaire, Nerval, Gautier e Victor Hugo.

E não sendo assim, sendo-se outra coisa e poeta ao mesmo tempo, mesmo que se tenha muito talento, fica-se sempre um verzejador amavel, um amator — e mais nada!

Que o sr. Azevedo Castello Branco me perdoe esta franqueza brutal. Mas nós chegámos a uma epocha tão positiva e a vida coere hoje tão depressa, e ainda ha tanta coisa para fazer antes que o século xx nos surpreenda — que o dever de cada individuo consiste no momento actual em saber collocar os homens e as coisas nos seus verdadeiros planos.

Dizer ao auctor da *Lyra meridional*:

— O sr. faz versos que lembram por vezes Campoamor e Heine...
... equivale a praticar uma má acção.

Ou sabe-se o que se diz, o escreve-se a verdade, a «humilde verdade» — ou não se sabe, e n'este caso o ministro do reino praticaria acto mais sanitario e menos vexatorio que as quarantenas — mettendo os srs. criticos na casa de correccão.

A *Lyra meridional* não é a expressão d'um talento feito, nem a obra d'um poeta exclusivamente poeta. É o livro d'um dilettante, o livro d'um rapaz sabido de Coimbra, donde todos os rapazes saem mais ou menos artistas.

Mas apenas se vêem com a sua cara de bacharel, adeus sonhos dos vinte annos, adeus litteratura e adeus philosophia. É necessario bater ás portas de São Bento, concorrer aos lugares de 2.º official, pôr de parte a Arte, amoldar o Talento, para pensar apenas na vida pratica, no trotar quotidiano das secretarias, nos discursos que hão de fazer extremos o sr. Fontes ou empalidecer o sr. José Luciano.

O sr. Azevedo Castello Branco é mesmo quem não diz na carta em que offerece o seu livro a seu tio Camillo, esse illustre romancista, illustra hoje porque em toda a sua vida só pensou em letras. Antes de se manifestar poeta, manifestou-se administrador do concelho em Murça. Não quero com isto dizer que chegue tarde para ser sagrado Artista. Mas por enquanto a bagagem é que é pequena.

Livro de dilettanti, a *Lyra meridional* tem paginas bastante delicadas, algumas onde a singeleza é uma qualidade, mesmo brilhante, outras onde a singeleza passa a entrar no dominio da vulgaridade.

E para um poeta que começa, eu não encontro n'este livro este sabor extranho que se encontra sempre n'um debutante, esta irregularidade febril dos primeiros poemas, esta audacia sympathica dos que começam, e que deixam advinhar um cerebro em effervescencia, uma alma cheia de illusões, um espirito cheio de caprichos.

A Musa do sr. Castello Branco é uma musa pacata, uma verdadeira educanda de convento, com a sua pontinha de sentimentalismo, gostando

... de se escaitar com o jejum de giesta
De se mirar nas fontes

mas fugindo dos povoados «célere e subtil»

... se vê que se alicatifa o prado
Para hospedar abril.

É uma Musa com proposito, bordanilo quadri-nhos a missanga, tocando variações ligeiras ao piano, não dando cuidados aos pés, e tendo confiança no sr. Santo Antonio para lhe arranjar um bom marido.

É, finalmente, a Musa dos amadores. Não vem ao mundo nem para sacudir uma geração inteira como a Musa de Junquero, nem para fazer chorar os pianos e as familias como a Musa do sr. Thomaz Ribeiro. Não possui nem o eco das trovoadas de Victor Hugo, nem os lyrismos nervosos de Musset, e nada tem que possa lembrar essa ironia implacavel de Heine, suavizada pela malicia espirituosa do allemão que se fez parisiense.

A *Lyra intima* é o livro amavel e sympathico d'um homem do mundo que escreve por desfastio, que rima para matar o tempo. E o ideal dos volumes que podem ser lidos no seio das familias, o volume que é bem recebido pelos românticos por que é romântico, pelos realistas porque também é realista, poezias que as senhoras lêem em villegiatura, que são também lidas e com uma certa curiosidade sympathica pelos homens de letras. Mas, porque não revelam um temperamento original, nem estalam no meio d'uma litteratura com o estouro das cousas novas e improvisadas, difficilmente se lhes pode abir um lugar n'uma bibliotheca escriptuamente organizada.

Que o sr. Azevedo Castello Branco não vá agora pensar que eu o odeio!

Eu sei quanto é desagradavel uma tal franqueza e uma tal sinceridade de opinião, n'uma terra como a nossa, em que se tem receio de dizer a verdade — para não offender! Mas a verdade creio ser esta. Sómente, ella não temia sido dita com tanta rudeza, se amigos do poeta, comparando-o a Campoamor e a Heine — dois genios! — não nos tivessem dado a perceber que mais uma obra-prima acabava de surgir para a litteratura portugueza.

Mas aberto o livro, achamo-nos somente em frente de bellos ensaios. Vê-se que ha talento... que só produziu obras de valor, quando o sr. Castello Branco estiver disposto a ser um artista, em vez d'um simples — poeta que distincto — amator.

FIGARO.

P. S. — A proposito do meu ultimo artigo em que fallava dos *Contos sem cor*, do modo como o auctor escrevia versos e do modo como escreve prosa, fazendo allusão aos versos seus publicados no nosso jornal e ao seu livro — o auctor fez-me a honra de me escrever uma carta excessivamente amavel, dizendo-me que elle Alameda d'Ega dos *Contos sem cor* não é o Ega d'Alameda dos versos da *ILUSTRAÇÃO*. Já vêem em que consiste o meu erro. Á primeira vista não notei a differença dos nomes, e de duas pessoas diferentes fiz uma só. Aqui deixo a errata, sem por isso retirar uma só palavra do que escrevi acerca do sr. Ega d'Alameda poeta e do sr. Alameda d'Ega prosador.



MEMENTO

A 5 placas de aço que se vendiam a 6 e 7 libras a tonelada compradas ao fabricante. — qualidade muito em uso na construção maritima, — perdem do valor 10 shellings durante o corrente anno. A concorrência de cada vez maior na produção das placas e a omissão tempo o estacionamento nos estaleiros maritimos, tem feito obstar a estudar o uso d'ingenhos aperfeiçoados e a realização de maior economia na produção. Não nos surprehendamos em breve ver chegar as placas d'aço a um preço mais baixo do que estão actualmente. Heja já e mais vantajoso comprar um navio em aço do que em ferro, porque ha uma diminuição de 20 o/o.

Demais, um navio de aço, além de ser construído com melhores materiais, tem uma vantagem superior ainda aos que são construídos em ferro, sobre o ponto de da capacidade em tonelagem. Um navio de 1.300 toneladas construído em ferro pode levar 2.200 toneladas de carga, mas se for construído em aço leva 3.400, um augmento de 6 1/4 o/o.

A produção das barras de aço em 1885, durante os primeiros seis meses foi de 291.000 toneladas acima da produção em igual tempo em 1884.

Ou rati em aço não augmentaram. Os principaes carregamentos foram para as Indias e colonias britannicas e republica Argentina.

As empresas das diversas companhias de caminhos de ferro nas outras partes do mundo pouco ou nenhum gasto fizeram das rails em aço, proporcionalmente aos que foram consumidos na India Inglesa e a Australia.

Est o estado do commercio exterior da França durante o anno de 1885

As importações elevaram-se a 4.215.877.000 francos desde o 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1885, e as exportações a 3.885.038.000 francos.

Est o mappa:

Importações	Em francos	Em francos
Objectos de manufactura	3.200.408.000	441.750.000
Materias industriais	655.420.000	2.059.427.000
Objectos fabricados	588.655.000	381.758.000
Outras mercaderias	191.322.000	192.409.000
Total	4.215.877.000	4.215.877.000
Exportações	Em francos	Em francos
Objectos de manufactura	77.374.440.000	762.414.000
Materias industriais	662.524.000	669.075.000
Objectos fabricados	29.743.000	637.985.000
Outras mercaderias	179.322.000	169.023.000
Total	3.885.038.000	3.885.038.000

Segundo uma interessante memoria do celebre engenheiro-inspector geral de minas M. Jacquet, ha duzentas nascentes d'agua mineras na França.

E o departamento de Puy-de-Dôme que conta mais nascentes, 130; temos depois os Pyrenos Orientales com 100; Ardèche com 77; os Vosges com 76; a Ariege com 69; os Altos Pyrenos com 64, etc.

Convém notar que as nascentes mineras são mais numerosas nos districtos montanhosos. A temperatura regula 40° c. excepto umas 30 nascentes.

A população da Europa pode ser avaliada em 340 milhões de habitantes que consomem dia a dia 84 milhões de alfinetes, isto é um alfinete por quatro habitantes.

A Inglaterra produz 54 milhões d'alfinetes (37 milhões são fabricados em Birmingham), a França 30 milhões e o resto da Europa 10 milhões.



